



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BIANCA COELHO DE SOUZA

**A RELAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE COM O ABANDONO ESCOLAR EM
MARABÁ**

MARABÁ

2021

BIANCA COELHO DE SOUZA

A RELAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE COM O ABANDONO ESCOLAR EM
MARABÁ

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade de Educação do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do
Pará, como requisito para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha
Cavalcante Feitosa.

MARABÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares**

S729r Souza, Bianca Coelho de

A relação da gravidez precoce com o abandono escolar em Marabá /
Bianca Coelho de Souza. — 2021.

107 f.

Orientador (a): Terezinha Cavalcante Feitosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá,
Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação,
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2021.

1. Gravidez na adolescência – Aspectos sociais - Marabá (PA). 2.
Educação sexual. 3. Evasão escolar – Condições sociais. 4. Educação
sexual para adolescentes - Aspectos sociais. I. Feitosa, Terezinha
Cavalcante, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 362.7098115

BIANCA COELHO DE SOUZA

**A RELAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE COM O ABANDONO ESCOLAR EM
MARABÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito obrigatório para obtenção do Grau de licenciatura em Pedagogia.

Data de aprovação: Marabá (PA), 10 de dezembro de 2021

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa
(Orientadora-FACED/UNIFESSPA)

Prof.^a Dra. Hildete Pereira dos Anjos
(Membro-FACED/UNIFESSPA)

Prof.^a Dra. Leticia Souto Pantoja
(Membro-FACED/UNIFESSPA)

Dedico este trabalho a minha avó Maria Coelho de Souza, que não está mais entre nós, e sempre será importante em minha vida. Mulher de fibra, passou por todas as provações que uma mulher poderia sofrer por causa do machismo estrutural da sociedade. Sempre me inspirou por sua coragem e amor, me instigou a estudar e ser independente, graças a ela me tornei a pessoa que sou. E por ela e por mim, sempre buscarei me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Te amo vó, nunca te esquecerei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças para nunca desistir e sempre lutar, nos momentos mais difíceis orei pedindo proteção e ele me ouviu.

Agradeço a minha família, em especial as minhas tias Zuleide, Meire e Fátima por me apoiarem sempre, durante o último ano do curso, o apoio e ajuda que recebi foram bastante significativos para mim.

Á minha prima Sandra e seu Marido Ednon (o pai que a vida me deu) por me apoiar e me ajudar durante esses quatro anos de curso.

Á minha querida Orientadora Terezinha Cavalcante Feitosa, por prontamente me aceitar como sua orientada, pela paciência e plenitude que teve para comigo, você é um exemplo a ser seguido.

Aos meus queridos professores da Pedagogia José Pedro Azevedo Martins, Silvana De Souza Lourinho, Leticia Souto Pantoja, Davi Passos, Marcelo Marques, Ana Cledina Rodrigues, Cleide Pereira e Marizete Fonseca da Silva que contribuíram para que eu chegasse até aqui, obrigada por fazer parte da minha formação profissional e humana. Graças a vocês sou uma nova pessoa.

Às minhas queridas professoras Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo, Vanja Elizabeth Souza Costa e Hildete Pereira Dos Anjos, por seu profissionalismo e paixão por ensinar e os puxões de orelhas que recebi, me sinto inspirada por vocês.

Aos professores Karla Leandro Rascke e Darlan Souza, por trazerem alegria, afeto, amizade e contribuições importantíssimas da história para o conhecimento dentro do curso.

As professoras da rede básica de ensino Suely Siqueira, Driele, Clésia, Sulamita, Marla, Vanda e Maria que durante a minha caminhada, as conheci, criando um laço de amizade e admiração.

Aos meus colegas e amigos da Pedagogia, Ana Caroline, Andressa, Aline, Camila, Cléber, Cleude, Denise, Domingas, Gabrielly, Jhemerson, Juliane, Kaio, Kátia, Larissa, Maria Neusa, Maria José, Mayara, Pedro Henrique, Samuel, Valbianne e Yanne, foram quatro anos, de muita luta, alegrias, vivências, lágrimas e sorrisos, tive a sorte de conhecer vocês, tudo que vivemos juntos vai ficar guardado para sempre na minha memória e no meu coração.

Às minhas lindas amigas, Aline, Ana Caroline, Mayara, Camila, Kátia, Maria Neusa, Maria José, Denise, Yanne e Valbianne vocês são pessoas incríveis, as amigas que a Pedagogia construiu quero levar por toda a minha vida.

Às adolescentes que participaram da pesquisa, sem vocês esse trabalho não seria possível.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a concluir o curso, meus sinceros agradecimentos.

(...) Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar.

Triste, Louca ou má.

*Canção de Francisco, el
hombre.*

RESUMO

Este estudo objetivou analisar os fatores internos e externos da escola que contribuem para abandono escolar de adolescentes grávidas da rede pública de ensino do ponto de vista das adolescentes. Para tanto, foi utilizado para coleta de dados a pesquisa participante de caráter qualitativo através de questionário e roteiro de perguntas semiestruturado. A partir da análise de dados foi possível perceber a importância de estudar também o viés sociológico da adolescência, não apenas somente o viés psicológico e biológico. Entender que a gravidez precoce é um problema gerado pela falta de políticas pública e de uma educação emancipadora, destacando o papel da escola como parte das garantias de direitos podendo acionar a rede psicossocial existente para dar apoio a adolescente gestante e sua família. A educação sexual de forma contextualizada na escola é um dos maiores desafios para a educação brasileira. Os resultados das análises apontam que apesar de existir a infrequência e não o abandono, a adolescente precisará de uma rede de apoio da família, escola, psicossocial e garantia de direitos, para que não venha a desistir da escola e consigam sair do status Quo da invisibilidade social.

Palavras-Chave: Gravidez na adolescência. Abandono escolar. Educação Sexual.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the internal and external factors of the school that contribute to school dropout of pregnant teenagers from the public schooling network from the teenagers' point of view. For this purpose, qualitative participant research was used for data collection through a questionnaire and a semi-structured question script. From the data analysis, it was possible to see the importance of studying the sociological bias of adolescence as well, not just the psychological and biological bias. Understanding that early pregnancy is a problem generated by the lack of public policies and emancipator education, highlighting the role of the school as part of the guarantees of rights, being able to activate the existing psycho social network to support pregnant teenagers and their families. Sexual education in a contextualized way at school is one of the biggest challenges for Brazilian education. The results of the analyzes show that despite the infrequency and not dropping out, the adolescent will need a support network from the family, school, psycho social, and guarantee of rights so that she will not give up school and manage to leave the Status Quo of social invisibility.

Keywords: Teenage pregnancy. School dropout. Sex Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Temáticas recorrentes no material coletado

Tabela 02: Nascidos vivos no Brasil: Nascimento para residência da mãe segundo Região com idade de 15 a 19 anos em 2019

Tabela 03: Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região com idade de 10 a 14 anos em 2019

Tabela 04: Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região Norte com idade de 15 a 19 anos em 2019

Tabela 05: Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região Norte com idade de 10 a 14 anos em 2019

Tabela 06: Ranking nascidos vivos no Pará segundo IBGE: Nascidos vivos no Pará- principais cidades ano 2017

LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
UNICEF	Fundo das nações Unidas para a Infância
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
SEÇÃO 01-PANORAMA SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA E GRAVIDEZ	18
1.1. A adolescência como construção social	18
1.2. A invisibilidade da adolescência brasileira	22
1.3. Gravidez na adolescência e seus aspectos sociais	26
1.4 Gravidez e abandono escolar.....	32
SEÇÃO 02- ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE	35
2.1 Gênero e sexualidade	35
2.2 Educação sexual nas escolas.....	39
2.3 O que a cidade de Marabá tem a oferecer aos adolescentes	46
SEÇÃO 03- ABORDAGEM METODOLÓGICA	50
3.1 Percursos metodológicos	50
3.2 Participantes da pesquisa.....	50
3.3 Instrumentos para a coleta de dados	50
3.4 Procedimento da coleta de dados.....	50
3.5 Procedimento da análise de dados: Entrevista	52
3.6 Organização da análise documental	53
SEÇÃO 04- RESULTADOS E DISCUSSÕES	55
4.1 Análise das categorias	55
4.2 Aspectos sociais: Diálogos e discussões	56
4.3 Gravidez: o sentimento de estar grávida e as mudanças na vida	60
4.3.1 Primeira experiência sexual	60
4.3.2 O sentimento de estar grávida	63
4.3.3 Mudanças na vida	65
4.4 Família: Reação e acolhimento	66
4.4.1 Reações frente a descoberta da gravidez	66
4.4.2 Acolhimento	67
4.5 Escola, gravidez e evasão escolar: Dificuldades enfrentadas.....	69

4.5.1 Orientação Sexual nas escolas	69
4.5.2 Postura e reações da escola	71
4.5.3 Dificuldades enfrentadas pelas alunas	73
4.5.4 Perspectivas para o futuro	74
5 CONSIDERAÇÕES PROVOCATIVAS	76
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICES.....	82

1 INTRODUÇÃO

A gravidez precoce é um problema social, cultural e de saúde pública. As vítimas, na sua maioria são adolescentes com vulnerabilidade social e pouca instrução. Em razão disso, muitos são os riscos de saúde para a mãe e para o bebê, além do mais, trata-se de meninas ainda em idade escolar. Em sua totalidade, a gravidez precoce engloba vários aspectos somadas a precariedade das políticas públicas, interrompem os planos de futuro de milhares de meninas que abandonam a escola, pois não conseguem conciliar as funções maternas com as funções de estudante. O boletim da OMS (2009) menciona que:

A pobreza influencia a probabilidade de as mulheres jovens engravidarem e, se assim for, elas entram num círculo vicioso, uma vez que a maternidade precoce compromete frequentemente os seus resultados académicos e o seu potencial económico.

Ainda, segundo relatório da ONU (2020) a gravidez na adolescência é uma problemática que abrange principalmente países da América Latina, países pobres como o Brasil, Bangladesh, República Democrática do Congo, Etiópia, Índia, Nigéria. De acordo com dados recentes da ONU a região da América Latina e o Caribe ocupam o segundo lugar em relação a nascimentos de bebês de adolescentes que vivem em situação de pobreza e limitações de acessos básicos a serviços sociais.

O que impulsionou a realização deste trabalho é a necessidade de entender as causas da gravidez precoce sem culpabilizar as meninas, mas compreender os fatores sociais do problema e a falta de políticas públicas adequada para minimizá-los. Analisar também o papel das instituições sociais tais como: família, escola que na maioria das vezes descumprem direitos garantidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Diante disso, este trabalho de pesquisa levanta o seguinte questionamento: Como a comunidade escolar se relaciona com as adolescentes grávidas e até que ponto a gravidez provoca o abandono da escolar? Quais os mecanismos utilizados pela escola e pelas famílias para retardar a gravidez entre adolescentes? Para responder estes questionamentos levantou-se os seguintes objetivos:

- Identificar os fatores oriundos do ambiente escolar que contribuem para que adolescente grávida se afaste da escola,
- Compreender a relação da família no contexto da gravidez precoce
- Verificar de que forma estas adolescentes recebem orientação sexual por parte da família e da escola.

Sabe-se que a gravidez na adolescência é um problema culturalmente complexo que vem sendo discutido há vários anos no Brasil. Em meados dos anos 90, houve um aumento significativo na taxa de natalidade em mulheres mais jovens o que chamou a atenção do governo. O número explícito de gravidez em adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental principalmente na região norte segundo dados do IBGE (2015) é bem maior em mulheres de camadas mais baixas, por esse motivo é relevante pontuar, o abandono escolar proveniente da gravidez precoce sob influência da falta de educação sexual nas escolas na rede pública de ensino. Apesar de constar nos PCNs como tema transversal, pouco se discute sobre sexualidade de forma aprofundada e significativa com adolescentes e jovens. Ao mesmo tempo a parca instrução da família e a vulnerabilidade social contribuem para que o abandono escolar seja uma realidade concreta no cotidiano desses adolescentes e jovens, somados a precariedade do ensino, falta de oportunidade de esporte, cultura e lazer e iniciativas para o trabalho.

Nota-se que a maioria dos estudos sobre grávidas na adolescência são focados na questão psicológica, biológica e sociocultural, (BOCK, 2007), no qual estão interligados, entretanto, o foco principal da pesquisa está em seu caráter sociocultural e relação direta com a escola, entendendo os pontos que podem contribuir ou não em uma evasão escolar diante da situação na qual a adolescente está exposta.

Este trabalho toma como objetivo principal identificar quais fatores internos e externos da escola que contribuem para abandono escolar de adolescentes grávidas da rede pública de ensino. Para isso é preciso analisar os aspectos sociais que interferem negativamente na rotina escolar da adolescente

grávida, a relação com a família e bem como a relação com a escola. Outro fator a ser analisado diz respeito a forma como família e escola abordam a educação sexual, no sentido de garantir que estes adolescentes tenham uma vida sexual ativa sem os riscos da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis.

Para Bock (2007) adolescência é um assunto amplamente discutido entre os meios clínicos, sociais e pedagógicos. Ainda assim percebe-se que há uma lacuna em relação a gravidez e sexualidade ativa do adolescente. Pouco se discute sobre educação sexual, principalmente nas escolas, um espaço que deveria ser utilizado para sanar dúvidas e orientar os alunos e alunas, posto que, a orientação familiar, na maioria das vezes se resume no aspecto repressivo. Se a escola e a família não possuem os instrumentos necessários para lidar com a questão é possível que os adolescentes fiquem vulneráveis à mercê de literaturas inadequadas que as vezes possam induzir a promiscuidade. Como se sabe, na sociedade brasileira a educação sexual, ainda é permeada de tabus, recheada de informação e pouca orientação, sendo este, um dos aspectos que podem influenciar na gravidez precoce.

De acordo com dados da OMS¹ e ONU² no Brasil a taxa de gravidez na adolescência está acima da média comparado a outros países da América Latina, na faixa etária de 15 a 19 anos a média dos países é em torno de 44 entre 1000 nascimentos, no Brasil esse número é 62 para cada mil nascidos vivos no país Partindo desse pressuposto, o Estado brasileiro promove várias campanhas relacionadas ao tema gravidez na adolescência para “orientar” os jovens sobre prevenção e a importância de não engravidar tão cedo. porém, percebe-se que as campanhas abordam o tema de maneira irrelevante e superficial, tratando apenas os tópicos sobre a anatomia do corpo humano algo como uma matéria existente nos livros didáticos de maneira reduzida e com um diálogo enfraquecido, deixando de lado as questões relacionadas ao sexo, ou seja, ao desejo de ter relações sexuais supostamente inerente a grande maioria

¹ OMS- Organização Mundial da Saúde. Artigo publicado no portal G1 em março de 2018.

² ONU- Organização das Nações Unidas. Artigo publicado no site da ONU Brasil em fevereiro de 2020.

dos seres humanos. As dúvidas e incertezas dos adolescentes não são amplamente discutidas de acordo com as necessidades deles.

Imagina-se que a falta de orientação objetiva sobre o assunto, gera situações que podem desencadear problemas futuros, como por exemplo uma gravidez não planejada ou mesmo uma doença sexualmente transmissível. Como também, a ideia construída dentro do imaginário coletivo da sociedade é que falando sobre sexo, estar-se-á instigando os jovens a terem relações sexuais precocemente. Contudo, a educação sexual quando utilizada de maneira coerente é o oposto disso, a orientação e a clareza de informações adequadas constroem maturidade e gera conhecimento.

Todavia quando se fala em gravidez na adolescência a ideia central em torno disso são as consequências que a mulher, ainda menina, assume responsabilidades de mulher adulta sem, no entanto, ter condições financeira e psicológicas e torna-se necessário ser amparada por um adulto, na maioria das vezes os pais da menina. Como já dito, comumente as adolescentes que engravidam em sua maioria são filhas de famílias com vulnerabilidade social, e que muitas vezes geram conflitos entre a família e a adolescente. Além disso, a vida escolar dessas alunas muda radicalmente devido a rotina entre gravidez e estudos.

Além do mais, a gravidez precoce é um grave problema social que interrompe sonhos e compromete não só o futuro da mãe adolescente, mas também da criança, além de alterar todo o ambiente familiar, na maioria das vezes, a família da menina. E ao que parece, no que diz respeito ao município de Marabá, não se conhece uma política pública que de forma efetiva, ofereça um atendimento diferenciado para essa faixa etária.

No que concerne a relação da adolescente com a comunidade na qual está inserida, com a família não podemos deixar de mencionar o ambiente escolar. Torna-se relevante compreender os pontos (negativos e/ou positivos), advindos da gravidez nessa fase da vida e nesse espaço. Pois, em determinadas situações, meninos e meninas são alvos de discriminação na escola.

Entende-se a importância da escola para formação e para o pleno exercício da cidadania, principalmente para as famílias com vulnerabilidade social em que os filhos/as tem poucas chances de concluir os estudos, principalmente quando surge adolescentes grávidas. É necessário compreender a forma como essas adolescentes estão sendo invisibilizadas dentro do ambiente escolar após a constatação de uma gravidez. De que maneira elas são acolhidas pela comunidade escolar?

Para desenvolvimento do trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas; questionário de perguntas com abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações sobre gravidez na adolescência e abandono escolar como também aspectos socioculturais da gravidez em adolescentes. As bases de dados utilizadas são na maioria Google Acadêmico, Scielo, IBGE, DataSUS, foram utilizadas as obras literárias, o cidadão de papel e meninas da noite de Gilberto Dimenstein, na sessão I do trabalho, complementando a parte teórica.

Devido a base teórica ser ponto de partida para entendimento sobre o tema, a pesquisa iniciou-se com a seleção dos autores, uma vez que se relaciona a base teórica com a base empírica utilizando-se a forma descritiva. A pesquisa de campo, foi realizada através de questionário para compreender o cenário socioeconômico das adolescentes e entrevistas semiestruturadas, e os dados coletados foram transcritos literalmente, sistematizados em um banco de dados em documento word para fins de citação e interpretação.

Este trabalho estrutura-se em três seções assim distribuídos: Na primeira seção apresenta-se os aspectos sociais que contribuem para acolhida ou não da adolescente grávida na escola onde se discute a construção social da adolescência contextualizando o aspecto sócio-histórico nas diferentes formas: biológica, psicológica e sociológica; a fragilidade e ineficácia das políticas públicas o que torna a adolescência brasileira invisível.

Na segunda seção aborda-se a adolescência e sexualidade, sobre questão do gênero e como isto está atrelado a gravidez precoce no que tange

as meninas, como também a questão da educação sexual nas escolas. O desafio da escola em abordar o conteúdo Orientação sexual como propõe os PCNs.

A terceira e última seção apresentam-se, os procedimentos metodológicos, análise dados coletados e os resultados da pesquisa.

SEÇÃO 01

PANORAMA SOCIAL DA ADOLESCENCIA E GRAVIDEZ

1.1 A adolescência como construção social

Bock (2007) introduz em seu texto a análise de autores sobre o conceito de adolescência no viés psicológico e biológico, trazendo uma observação a respeito de como a adolescência é vista por cada um deles, dentre os quais estão esses citados a seguir:

A partir do século XX, Staley Hall citado por Bock (2007), introduziu a adolescência como objeto de estudo da Psicologia, sendo ela observada como uma fase da vida do homem identificada como uma etapa marcada por tormentos, contribuições devido ao aparecimento da sexualidade nessa etapa. Entretanto foi Erickson (1976) o percussor dos estudos sobre a adolescência a partir do conceito de moratória (que retarda), caracterizando-a como uma “fase especial” do desenvolvimento do homem, estabelecendo a construção de uma identidade própria entre a infância e a vida adulta.

Já Knobel (1989 apud BOCK, 2007) caracterizou a adolescência como “Síndrome normal da adolescência” que seria vários estágios no qual o indivíduo passaria até chegar à vida adulta, como a busca da identidade, crises religiosas, necessidades de se agrupar, intelectualizar, fantasiar, evoluir sexualmente, atitudes sociais, reivindicações, contradições de humor e manifestação de conduta entre outros fatores, concebendo a adolescência como uma etapa natural da evolução humana. Nesse processo de entendimento sobre a adolescência, essas questões não são vistas como parte dessa identidade em determinados grupos étnicos.

Entretanto David Levinsky (1995 apud BOCK, 2007) entende a adolescência como uma fase evolutiva em sua natureza psicossocial. Içami Tiba outro teórico que estuda a adolescência no Brasil (1985 citado por BOCK, 2007) argumenta que a adolescência é uma fase do desenvolvimento, tendo início na puberdade, dando ênfase a autonomia, liberdade, prazer e *status*.

Para Outerual (1994 citado por BOCK, 2007) autor brasileiro, a adolescência é uma fase do crescimento humano, definição da identidade e transformações do corpo, sendo dividido por ele em três etapas: a primeira seria a passividade em relação a suas transformações corporais, a segunda, crise de choque entre gerações, busca da independência e definição sexual, a terceira, busca da identidade profissional e inserção no mercado de trabalho, reconhecimento social e independência financeira.

Para Dominguês e Alvarenga (1991 citado por BOCK, 2007), a adolescência é uma fase da vida adulta sendo vivida de forma ambígua e contraditória pelos rituais de reconhecimentos sociais.

Merlucci (1997 apud BOCK, 2007) define a adolescência como idade da vida em que se enfrenta o tempo de maneira significativa e contraditória. O futuro é encarado como um lugar cheio de possibilidades de crescimento para o indivíduo. Bajoit e Franssen (1997 citado por BOCK, 2007) relaciona a adolescência ao mercado de trabalho, sendo encarado como um momento decisivo na definição da identidade.

Becker (1989) e Calligaris (2000 apud BOCK, 2007) trazem uma nova perspectiva para a adolescência, enfatizando os elementos culturais e não apenas os naturais, como defende alguns teóricos. Para ele, a adolescência é encarada como transformação social e cultural.

Dentro desses contextos a adolescência é analisada como, busca da identidade, reconhecimento do próprio corpo, descobrimento da sexualidade e uma fase difícil que com o tempo deverá ser superada. Entretanto, uma crítica que se faz em relação a adolescência, principalmente no âmbito da Psicologia é a defesa que se têm de apenas um viés de análise sem caráter sociológico, sendo contemplado um tipo específico de adolescência que segundo Santos (1996) apud Bock é fundamentada em apenas um tipo de jovem: homem-branco-burguês-racional-ocidental representado principalmente pelos ingleses e norte-americanos não levando em consideração outros grupos de indivíduos com suas construções sociais e políticas. Com base nisso Bock enfatiza que:

Criticar a perspectiva naturalizante se torna uma necessidade, pois a Psicologia, ao desenvolver perspectivas naturalizantes, deixa de contribuir para leituras críticas da sociedade e para a construção de políticas adequadas para a juventude, responsabilizando, com sua leitura, o próprio adolescente e seus pais pelas questões sociais que envolvem jovens, como a violência e a drogadição. (BOCK 2007, p. 66).

O viés de análise que buscamos é a construção da adolescência na perspectiva sócio-histórica, para entender como se dá a construção dos sujeitos em caráter sociológico, não ignorando a sua concepção biológica, é de suma importância que tenhamos esse olhar pois os fenômenos apontados, tem mostrado um outro lado importante a ser estudado.

A adolescência dentro da perspectiva sócio-histórica é vista como uma construção social, as fases da puberdade fazem parte do processo de transformações do indivíduo, mas isso não caracteriza por completo o conceito de adolescência, é muito mais amplo do que isso. Como exemplo, dentro da perspectiva naturalizante poderia se dizer que por ter seios, a adolescente saberia que no futuro próximo estaria pronta para ser mãe, gerando um filho e o amamentando-o, por entender que os seios foram postos para isso, de fato, algo como uma gravidez precoce poderá ocorrer, entretanto, os seios femininos não se tornaram mais símbolo de adequação para a maternidade, mais algo sexual, devido as transformações sociais e históricas que ocorreram durante os anos, o que nos leva a uma nova forma de pensamento.

Com essa abordagem sócio-histórica, não se pretende responder o que é adolescência mais sim como se construiu historicamente esse período do desenvolvimento humano, e como essas transformações se modificam ao longo do tempo trazendo consigo questões que se chocam com a realidade atual.

Bock (2007) em suas pesquisas sobre o fenômeno psicológico, aponta duas visões antagônicas denominadas de “visão liberal” e “visão sócio-histórica”. A visão liberal se constitui na ideia de natureza humana no qual através do seu desenvolvimento natural o tornaria homem, sendo esse facilitado ou não pelo meio externo, social e cultural, um ser livre dotado de potencialidades naturais,

necessitando de condições favoráveis para sua concretização, juntamente com sua natureza humana, sua relação com a sociedade se torna algo separado.

Na visão sócio-histórica, defende-se que o homem é um ser histórico, seu desenvolvimento se constitui ao longo do tempo, através das relações sociais, condições sociais e culturais dentro da sociedade, determinando-o de acordo com as transformações que ocorrem na sociedade em cada período histórico, sendo reconhecido também pela relação entre indivíduo e sociedade. Por esse motivo Bock argumenta que:

O homem se constrói ao construir sua realidade. A sociedade passa a ser imprescindível para a compreensão da forma de se apresentar do homem; do humano. Não se pode conhecer o humano se não for pela sua relação com as formas de vida e as relações sociais. (BOCK 2007, p. 67).

A adolescência em seu contexto sócio-histórico começou a partir da revolução industrial quando a sociedade moderna começou a se modificar devido as exigências do trabalho e o surgimento de novas tecnologias na época, com isso, o alongamento da vida escolar de crianças e jovens se torna crucial para o mercado de trabalho, devido ao grande aumento de baixas devido a trabalhos infantis, dizimando o que seria a “mão de obra para o futuro”. Era necessária uma formação para uma mão de obra qualificada e pessoas para o trabalho, nesse sentido, ficando mais tempo na tutela dos pais, a espera até a fase adulta, se tornaria crucial para o desenvolvimento, tornando-se responsáveis para construir famílias e preparados para o mercado de trabalho.

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta. BOCK (2007, p. 68)

Nessas condições, a postular a hipótese de que os jovens foram colocados em uma nova condição social, apesar de ter todos os aparatos para ser um adulto como condições afetivas, fisiológicas e sociais, ainda falta a idade adequada para esse feito, chamada pelos especialistas de “maior idade”. Nessa perspectiva o jovem acaba por esperar em um determinado tempo, ficando

distante do mundo do trabalho e de obter autonomia, aumentando a sua dependência, ocasionando em contradição.

Os mesmos questionamentos descritos na Psicologia, entram em concordância no processo sociocultural, constituindo-se de amadurecimento do indivíduo, como a busca da identidade, tendência grupal, rebeldia, onipotência, entre outros. Nesses processos essas condições sociais na qual os jovens se encontram será chamado a partir desse contexto de “adolescência”. Diante disso a autora comenta que:

A sociedade reconhece, então, uma fase do desenvolvimento de seus filhos e jovens e atribui-lhe significados; espera algumas condutas de seus filhos e jovens. A adolescência se instala de forma inequívoca na sociedade. Os jovens que não possuíam referências claras para seus comportamentos utilizam, agora, essas características como fonte adequada de suas identidades: são agora adolescentes. (Bock, 2007, p. 70).

Nesse sentido argumenta-se que adolescentes são tratados de maneira extrema e equivocada, devido as argumentações de especialistas em caráter psicológico e biológico, sobre esses indivíduos, os jovens são caracterizados de forma única, não sendo respeitado a realidade na qual vivem, e tão pouco a personalidade e o individualismo, os mesmos não se reconhecem como sujeitos que precisam amadurecer e tomar decisões, fazendo com que atribuem qualquer tipo de comportamento adequando ou inadequado a fase da adolescência, sendo isentos de qualquer consequência e responsabilidades. Diante de tais argumentos, os adolescentes passam por transformações que geram questionamentos sobre sua própria identidade, ao mesmo tempo em que não são condicionados a ter maturidade e fazer suas próprias escolhas, sendo vistos pela sociedade como seres incapazes de tomar decisões maduras, um conceito gerado a adolescentes de classe média, o que não favorece adolescentes com vulnerabilidade social

1.2 A invisibilidade da adolescência brasileira

Embora fale-se do protagonismo do jovem na sociedade, da importância de se ter uma adolescência rica em experiências que favoreça o crescimento do indivíduo, tendo direito a educação, esporte e lazer, falta políticas públicas efetivas que de fato cumpra o que estabelece o ECA. Do ponto de vista

psicológico, adolescência é um termo atribuído a idade de adequação do indivíduo entre os 11 e 17 anos. O que se entende por adolescência é passar por um processo transitório onde a busca da identidade e amadurecimento para a vida adulta, acontece nesse período. De acordo com Erikson, (1968, p. 132-245)

É um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes [...] ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos.

Entretanto, do ponto de vista social isso é muito mais complexo, uma vez que nem todo jovem de 14, 15 anos realmente vive a adolescência, esse processo transitório de amadurecimento chega bem mais cedo para eles, observando o contexto social na qual estão inseridos. Dentre vários casos, crianças e adolescentes crescem na pobreza sem direitos básicos que deveriam ser garantidos por lei. Trabalho infantil, violência e gravidez na adolescência, são alguns dos problemas que configuram o cotidiano desses jovens com vulnerabilidade social no Brasil, principalmente nos anos de 1990, quando o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) ainda estava no seu processo de implementação e foi justamente criado por conta dessas situações agravantes que ocorrem no país nesse período.

Gilberto Diemenstein no livro titulado O cidadão de papel (1995), faz um retrato de um Brasil de 1993, em que leis para a infância e adolescência andavam em passos lentos. Durante o percurso da leitura depara-se com vários relatos chocantes de crianças e adolescentes, vivendo na miséria, sem garantias de direitos como educação, saúde e lazer e a criminalidade é muito presente no cotidiano. Pode-se refletir sobre as perspectivas de futuro destes adolescentes e destas crianças, posto que são anuladas devido ao alto índice de desigualdade social existente no país.

O autor começa sua jornada investigativa falando sobre a infância e adolescência dentro do contexto de desenvolvimento do país e onde ela se

enquadra nesse desenvolvimento. O povo não o acompanha, pois, as mazelas sociais são gritantes, à medida que esse desenvolvimento cresce, falta educação, saúde, moradia, serviços básicos garantidos dentro da constituição ocasionando em outros problemas sociais e um grande aumento populacional gritante. Nesse processo as crianças e adolescentes são vítimas de uma sociedade que os reproduz como crianças de rua, crianças a margem da pobreza extrema. Crianças marginalizadas por um sistema que as exclui, o desemprego é altíssimo configurando em abandono parental de crianças e adolescentes devido a falta de recursos para cuidar dos filhos principalmente nas camadas mais baixas, falta de escolarização, inflação, imigração, desnutrição são alguns dos problemas que de fato ferem os direitos humanos e que contribuem para um cenário de desigualdades favoráveis.

Dimenstein nos leva a uma reflexão de que essas crianças e jovens são frutos que precisam ser protegidas e cuidadas em uma sociedade que não os dão o devido valor, fazendo com que não consigam fazer parte de um processo social e econômico de sucesso. Outro ponto importantíssimo é o aumento da prostituição infantil, mortalidade, e o aumento populacional. Uma coisa leva a outra, várias meninas se prostituem, mas não conhecem o seu próprio corpo, não tem instrução sobre saúde sexual reprodutiva, métodos contraceptivos, algumas abortam com métodos poucos convencionais, outras conseguem ter e abandonam os filhos, alguns morrem por não ter cuidados básicos. Um cenário catastrófico que contribui ainda mais o aumento de crianças abandonadas, pela família, sociedade e estado. O que nos traz a uma reflexão sobre a conjuntura social que perpetua até os dias de hoje.

Dimenstein em seu outro livro *Meninas da Noite* (1992), vem retratar a prostituição de adolescentes, com relatos fortes e impactantes, um reflexo social existente na época, da falta desses direitos, é a junção de crianças morando na rua com a prostituição. Um cenário aonde o desenvolvimento chega e a prostituição aumenta, levando a outro ponto da discussão que é a gravidez precoce em adolescentes, sendo elas vítimas da prostituição ou não. O aumento da taxa de natalidade nessa época era bastante significativo, devido à falta de

instrução sobre doenças sexualmente transmissíveis, e o uso de métodos contraceptivos por exemplo, o que geraria um grande aumento populacional e de DSTs inclusive a AIDS, ao mesmo tempo em que a responsabilidade das mazelas sociais seria atribuída a essas meninas, algo que continua a ser discutido nos dias atuais.

Um ponto importante nesse cenário de prostituição infantil é a falta de escolarização e estrutura familiar, que as leva a serem vendidas pela própria família, ou raptadas para o tráfico humano, principalmente nos estados mais reclusos como Pará, Acre, Rondônia e Roraima.

Essa prática ilegal também era acompanhada do tráfico de drogas, devido aos portos existentes nessas regiões. Muitas dessas meninas eram usadas como “mulas” de drogas, sendo vendidas para casas de prostituição e obrigadas a vender o corpo para não morrer de fome. Nesse sentido Dimenstein (1992, p.77) enfatiza que “O estado se tornou então um centro importador de meninas. Mas, com o tempo, as autoridades foram percebendo uma relação estreita entre prostituição infantil e tráfico de drogas.”

Não é de se admirar que a falta de estrutura familiar, educação e pobreza extrema, seja percussora de uma sociedade sem expectativas, levando a diante problemas sociais, nos quais ainda sem soluções, perpetuem por gerações e gerações. É necessário que saibamos o percurso histórico e social que nos leva até aqui, onde se abre outras discussões e outros aprofundamentos, como o porquê da gravidez precoce discutida nos dias atuais ser ainda tão presente nos debates de políticas públicas voltadas para a juventude brasileira.

Para Heilborn *et al.* (2002, p. 16) “Entender a construção social do problema significa empreender sua relativização. Em segundo lugar, implica responder às insatisfações com o paradigma analítico dominante e fundar o exame em uma perspectiva sociológica.”

Não basta entender o que caracteriza a adolescência, saber que muitas meninas estão engravidando cedo demais e fazer campanhas sobre isso, é preciso procurar a raiz do problema, entender seus aspectos sociológicos e os

meios nos quais esses jovens vivem para assim conseguir tomar decisões que exprimem efeitos positivos para a diminuição da gravidez na adolescência.

O problema social da gravidez precoce, vai muito além de uma gravidez indesejada, é necessária uma análise ampla dos problemas enfrentados no Brasil principalmente na década de 90 quando a implantação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) entraria ainda em vigor, e continuar a ser discutida para entender os problemas gerados pela gravidez precoce que perpetua até os dias atuais. A defesa que se tem hoje, é que os jovens possam viver a sua juventude com plenitude, passando pelas etapas de amadurecimento e então, forma-se em uma faculdade e construir família. E dentro desse contexto de “juventude perfeita” não é levado em consideração que nem todos usufruem dos mesmos direitos, pois os contextos sociais são diferentes.

1.3 Aspectos Sociais da gravidez na adolescência.

Heilborn (2002) vem nos chamar atenção sobre a perspectiva da gravidez na adolescência em caráter sociológico. Segundo ela, a gravidez na adolescência não pode ser apenas avaliada em sua conjuntura social, mais sim em um campo analítico mais amplo, como a sexualidade, gênero e aproximações socioantropológicas. É preciso ter um olhar mais aguçado, levando em consideração o termo juventude, que dependendo do contexto no qual está inserido poderá ter um significado diferente para os sujeitos.

Uma questão levantada pela autora é sobre a faixa etária que engloba o termo adolescência, visto que, a um tempo atrás essa seria uma idade aceitável pela sociedade para gerar filhos, o que não caracterizava um problema social na época e hoje o caracteriza, sendo enfatizado pela mídia e instituições.

O trabalho de Melo (1996) indica que entre 1970 e 1991 houve pouca variação nas taxas específicas de fecundidade entre as mulheres de 15 a 19 anos no país todo. A mobilização social em torno de um *problema* não necessariamente coincide com um incremento na sua magnitude: transformações processadas no contexto em que ele se insere são, muitas vezes, mais relevantes para elucidar a preocupação social que suscita. Por conseguinte, é tão importante examinar o que faz aumentar o número de gravidezes entre adolescentes no Brasil, quanto discriminar os fatores instigantes da maior *visibilidade* do fenômeno. (HEILBORN, 2002, p. 17).

Durante os anos 60 ao final dos anos 90, houve uma redução na taxa de fecundidade e o aumento da contracepção em mulheres de idades mais avançadas, entretanto ao contrário do que se espera, houve um aumento significativo de gestações em adolescentes, o que gerou atenção acerca dos fenômenos que estavam acontecendo na época. Assim para Berquó (1998 citado por Heilborn, 2002 p. 17) afirma que “entre 1965 e 1995, a fecundidade declina de quase 06 crianças por mulher para um pouco mais de 02 no Brasil”, e para Bozon e Enoch:

A fecundidade adolescente, ao contrário, vem aumentando sua participação relativa na fecundidade total, passando de 7,1%, em 1970, para 14,1%, em 1991, considerando-se que a fecundidade nos demais grupos etários declinou no período analisado.

No cenário de mudanças sociais, ligadas a concepção de idade e gênero, onde as mulheres começam a ter mais liberdade nas escolhas de escolarização, profissão e construção familiar, a gravidez precoce torna-se um empecilho para essas conquistas. Todavia vale ressaltar que as oportunidades não são oferecidas igualmente para todos, ao mesmo tempo em que o papel social da mulher passa por mudanças em não querer gerar filhos muito cedo. A gravidez na adolescência torna-se parte de uma indignação e não compreensão, algo contrário do que se espera.

Com o passar do tempo, as pesquisas em torno da gravidez na adolescência buscam entender quais fenômenos implicam no seu agravamento, como razões de incapacidade fisiológica e incapacidade psíquica. Outra questão levantada principalmente nos anos 80 é que a gravidez na adolescência tem grande influência no contexto social, como o agravamento da pobreza, aumento da delinquência e criminalidade devido a criação em famílias monoparentais, além do abandono escolar e a falta de formação para o mercado de trabalho, utilizados como incremento para fundamentar a tese dos problemas que a gravidez na adolescência causa na vida dos indivíduos, sendo esse discurso

amplamente fortificado pelo senso comum e pela mídia. Para Heilborn, (2002, p. 19):

Essas abordagens estão ancoradas em alguns fundamentos compartilhados sobre a gravidez na adolescência. Versão homogênea, associada às noções de problema e de risco e construída por meio de uma identificação simplificadora entre gravidez na adolescência e as mães adolescentes pobres e solteiras, que passam a ser encaradas como a população-alvo de uma ação profilática. Essa identificação acarreta uma dupla ocultação: a dos pais adolescentes e a dos diferenciais de classe.

Heilborn (2002) vem justamente falar sobre a gravidez precoce, em uma sociedade no qual atribuem o fracasso à taxa de natalidade entre os pobres, e faz uma crítica sobre os meios de comunicação maquiarem a situação, colocando a culpa nas mulheres jovens e pobres, como se a questão da redução de fecundidade fosse o problema das mazelas sociais. Entretanto, essas mazelas já estavam inseridas há muito tempo, a gravidez faz parte desse agravamento, mas ela não é a responsável.

Essas abordagens estão ancoradas em alguns fundamentos compartilhados sobre a gravidez na adolescência. Versão homogênea, associada às noções de problema e de risco e construída por meio de uma identificação simplificadora entre gravidez na adolescência e as mães adolescentes pobres e solteiras, que passam a ser encaradas como a população-alvo de uma ação profilática. (HEILBORN,2002, p. 19.)

A questão maior está nos problemas sociais enfrentados pelos jovens, como a educação por exemplo. Gerar um filho ainda na adolescência não está relacionado a não preparo dessas meninas mais sim uma consequência da vida sem perspectiva, o que gera também a criação de famílias desestruturadas, que não tiveram planejamentos futuros como por exemplo, construção familiar, formação profissional e empregabilidade. Outra questão discutida é que não adianta a distribuição de métodos contraceptivos, se o real problema está na falta de estrutura que essas meninas enfrentam, se tivessem reais possibilidades de melhoria de vida, a busca por um futuro melhor ficaria à frente da projeção da gravidez precocemente, pois estariam focadas em outras questões como o acesso a uma universidade por exemplo. Por isso Heilborn (2002, p. 23) argumenta que:

As enormes disparidades econômicas, sociais e culturais entre as classes no Brasil impõem modulações consideráveis no fenômeno da juventude e da gravidez na adolescência. No que concerne à articulação entre classes sociais e gravidez na adolescência, interessa avaliar em que medida as condições materiais de existência incitam ou inibem a gravidez precoce, definem padrões de tomadas de decisão diante de sua ocorrência, e, ainda, qual o impacto de uma eventual gestação nos projetos desses jovens, discriminando-os por classe social e gênero.

Heiborn (2002) argumenta que o problema maior não está na gravidez em si, mas no contexto social na qual estão inseridas, a se pensar em uma gravidez onde na maioria das vezes a família não tem suporte para apoiar essa adolescente, diferentemente de uma família de camadas médias, onde o suporte poderá ser maior em todos os aspectos. A adolescente que se vê em uma situação em que as expectativas para o futuro são limitadas, ter um filho faz parte dessa projeção. É como se fosse um círculo vicioso trazido de outra geração, o mesmo repertório se repete com a adolescente grávida. A mãe não tem como dar suporte a filha grávida pois já existem outros filhos para cuidar sendo provavelmente a filha adolescente a mais velha entre os irmãos.

Entretanto outro ponto a ser discutido de suma importância para entender os fenômenos da gravidez é o envolvimento parental. Todavia a Gravidez precoce é avaliada apenas por um viés, a da mãe solteira e pobre sem instrução, criando uma versão estereotipada do problema, não sendo levado em conta o envolvimento parental nessa questão.

Ao contrário do que se espera do modelo de prolongamento da juventude, onde os estudos e a segurança ficam a critério dos pais, o trabalho torna-se uma contribuição para a dependência material, diferentemente de jovens de camadas médias, onde continuar a morar com os pais é uma questão de conforto e opção, e não uma necessidade.

Nas camadas populares o sistema é outro, por conta das precárias condições de existências de educação e trabalho, a jovem vê-se obrigada a continuar com os pais, tendo uma gravidez ou não, levando-os muitas vezes a buscar a dependência financeira através de trabalhos informais, devido as dificuldades econômicas da família, trazendo consigo o fracasso escolar

acompanhado de repetências, interrupções, mudanças de endereço e a violência. Nela o acesso se dá através do próprio local onde residem ou até mesmo na própria escola.

Os condicionamentos de classe têm nítido impacto no modo como se estruturam as trajetórias escolar e de trabalho. Em contraste com a continuidade e o alongamento dos estudos dos jovens de classes médias altas, os percursos escolares das classes populares são muitas vezes breves e marcados por várias repetências e interrupções. Mudanças de domicílio, precariedade das redes de ensino público e ainda a violência – seja nas próprias escolas, seja nas áreas onde elas se localizam – são arroladas como razões para a evasão escolar, temporária ou definitiva. (HEILBORN, 2002, p.27).

E dentro desse contexto social na qual estão inseridos, muitas jovens, deixam a escola para poder trabalhar e sustentar a família, uma vez que a chegada de uma criança, torna um pouco mais complicada a rotina, não vendo outra alternativa a não ser a desistência da escola, um ciclo vivenciado pelos pais e que continua com os filhos durante a adolescência e se perpetuando na vida adulta. Segundo Padilha *et.al* (2014, p. 35):

Estudos demonstram que as mães das adolescentes possuem, em sua maioria, baixa escolaridade, pois abandonam seus estudos para cuidar dos filhos e, muitas vezes, trabalham para garantir a subsistência familiar. Dessa forma, pelo baixo índice de educação só conseguem ocupações com menores ganhos, conseqüentemente, suas filhas, adolescentes, provavelmente serão futuras mães trabalhadoras, reproduzindo este círculo vicioso da pobreza por intergerações.

O agravante maior é não ter uma projeção de futuro, em entender que o sistema é excludente, esse processo será repetido, enquanto não quebrar o vínculo de mazelas e pobreza existente na família. O que torna ainda mais difícil devido a gravidez precoce.

Outro foco principal é a relação da família e a adolescente grávida, diante de várias questões abordadas anteriormente, é necessária uma análise sobre o convívio familiar durante a gestação e o nascimento da criança, em saber como a família lida com esses momentos.

Estudos sociais apontam a importância do acolhimento da família, o companheiro e o estado, para que a mãe consiga desenvolver a” preocupação

materna primária” (termo utilizado por³Winnicott) que seria um preparo emocional saudável para contemplar uma gestação saudável. Defende-se a tese que a adolescente precisa sentir-se segura para amadurecer e conseguir levar adiante a sua gravidez e a criação do filho.

No entanto, de acordo com pesquisas de Azevedo e Guerra (1995), a casos de violência intrafamiliar de extremo abuso cometidas contra adolescentes no período da gestação e que na maioria das vezes acompanha um histórico desde a infância que se intensifica durante a adolescência. Entende-se por violência intrafamiliar

(...) todo ato e/ou omissão praticado(s) por pais, parentes ou responsável em relação à criança e/ou adolescente que — sendo capaz de causar dor ou dano de natureza física, sexual e/ou psicológica à vítima — implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma “coisificação” da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (MIURA; TARDIVO; BARRIENTOS, 2017, p. 333).

Algumas dessas violências enfrentadas pela adolescente grávida estão a violência física, psicológica, abandono do pai do bebê, abuso sexual de estranhos, violência conjugal do padrasto, violência física da mãe, violência sofrida pelo companheiro entre outras. Alguns desses ambientes abusivos estão repletos de álcool e drogas e uma profunda desestruturação familiar. Esses casos específicos de violência fazem com que sejam retiradas da família e encaminhadas a instituições especializadas em amparar adolescentes em situação de risco, devido aos seus direitos violados. De acordo com o Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente, (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990)

Art. 98. As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta lei forem ameaçados e violados:

- I- Por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II- Por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis;
- III- Em razão de sua conduta.

Obviamente isso não se aplica a todas as famílias. nos municípios e cidades, principalmente em Marabá, para resolver esses casos de abusos

³ Termo utilizado pelo autor Winnicott, D. W. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago

cometidos pela família, O ⁴Conselho Tutelar juntamente com o ⁵Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), trabalham para que essas adolescentes e crianças vítimas desses abusos parentais possam ser encaminhadas as instituições específicas tendo apoio psicossocial e garantia de direitos.

1.4 Gravidez e abandono escolar

Como vimos até aqui, são inúmeras as questões que envolvem uma gravidez precoce, além dos impasses sociais sofridos dentro do contexto familiar existe outro agravante que merece atenção sendo ele a evasão escolar de algumas adolescentes grávidas. A escola como fomentadora de espaço social e contribuição para o intelecto do indivíduo seria a porta de entrada para discutir essas questões relacionadas ao sexo, entretanto de acordo com Gomes (1998) não é bem assim que as coisas acontecem, a escola se veste de preconceitos, o que a impossibilita de falar sobre sexo de maneira mais aberta, apenas de maneira superficial.

Paralelamente, a escola, também imbuída de preconceitos e tabus, até hoje só tem conseguido tratar do corpo humano do ponto de vista da anatomia e não da sexualidade, ou seja, “Crianças e adolescentes aprendem como funcionam o coração, circulação, rins, aparelho respiratório, e os órgãos genitais. (GOMES, 1998, p. 49)

A educação sexual nas escolas é algo relacionado ao corpo, como forma de conhecimento do mesmo, respeitando as faixas etárias de cada ciclo para que se possa determinar quais assunto abordar, como o caso da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental por exemplo e esclarecer dúvidas existentes que os adolescente possam ter principalmente nos níveis de fundamental séries finais e ensino médio, como a prática do sexo seguro, o uso da camisinha, métodos contraceptivos, DSTs, gravidez precoce entre outros, de maneira específica e linguagem dinâmica. Entretanto o processo de educação sexual nas escolas se limita ao conhecimento prévio do corpo humano, como se

⁴ O conselho Tutelar age dentro da lei do ECA- Lei 8.069/90, válida em todo território nacional.

⁵ O CREAS e a proteção social especial: <https://www.gesuas.com.br/blog/creas/>. As normativas do CREAS são válidas em todo território nacional.

dá cada órgão do corpo, incluindo os órgãos genitais. A educação sexual vai muito além de informações sobre sexo, mas traz consigo a relação social de cada indivíduo, o descobrimento do próprio corpo e a construção da sua própria identidade.

Dentre os fatores que contribuem para a não permanência das alunas adolescentes grávidas na escola está a relação da gravidez e gênero, uma vez que a adolescente mulher traz consigo o “fardo” da gestação, o preconceito velado da sociedade e as demais consequências sociais e psicológicas dessa gravidez. Para as mulheres maternidade é algo amplo e complexo, diferentemente dos homens que não tem responsabilização de sua paternidade, é dado a ela toda a responsabilidade, desde prática do sexo, gestação e criação do filho. Independente de qual for a decisão, sempre a responsabilidade será dela. Ao contrário dos homens, para eles ter um filho não traz consigo grandes impasses, quase nada muda na vida deles, nem mesmo a sociedade o responsabiliza por isso. O que nos leva a questionar o porquê das discussões acaloradas sobre aborto e quase nunca sobre abandono parental. Para Gomes (1998, p. 51-52)

Dessa forma, o gênero feminino constrói também sua sexualidade diferentemente do gênero masculino, sendo a mulher submetida a uma carga maior de preconceitos e proibições por parte da sociedade [...] sobre a mulher/menina recai a responsabilidade da contracepção e em caso de gravidez, a culpa por não ter-se prevenido.

Nesse sentido toda a responsabilidade de uma gestação cai sobre a mulher, e isso traz um reflexo dentro da própria escola, onde alunos e professores pré-julgam as decisões daquela adolescente, não dando o devido apoio que ela possa necessitar naquele momento. Dentre os fatores que estão ligados a não permanência da adolescente na escola no período gestacional, estão os fatores biológicos como sonolência, moleza, cansaço, enjoo, principalmente nos primeiros meses de gravidez, pernas inchadas dores no corpo, vontade de ir ao banheiro, já nos últimos meses de gestação, a mudança do corpo com o crescimento da barriga estimula a baixa estima, o que dificulta

a aceitação do corpo e os olhares das pessoas, além dos impactos emocionais provenientes da gestação e conflitos internos. De acordo com Gomes (2016) “Adolescência é uma fase, por isso só, de muitos conflitos. Na gravidez esses conflitos tendem a se multiplicar”.

Há uma Lei de nº 6.202 de 17 de abril de 1975 no Brasil, ainda em vigor que ampara alunas gestantes, é necessário que a escola esteja ciente de tal lei, caso contrário o não cumprimento da mesma, configuraria como violação de direitos da gestante dentro do ambiente escolar. Dispõe que:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969.

Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola.

Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto.

Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Há uma dedução em que todos esses fatores mencionados até aqui contribuem para que essa aluna venha a desistir de estudar em não terem condições físicas e psicológicas para enfrentar provas, trabalhos e aulas. O peso maior dessa desistência implica não apenas em aspectos econômicos, mas em preconceitos existentes na sociedade que refletem dentro da escola com essas alunas, o não preparo em acolher poderá trazer consequências de desistência da escola de maneira irreversível trazendo consequências que serão espelhadas no futuro trazendo à tona um ciclo vicioso de baixa escolarização, não qualificação do mercado de trabalho, mães solas e taxas de desempregos.

É necessário que a escola tenha um olhar mais humanístico para essas adolescentes, para que possam não desistir e conseguirem ter novas possibilidades para ela e os filhos.

SEÇÃO 2

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

2.1 Gênero e Sexualidade

Quando se fala em sexualidade, o gênero sempre está atrelado a ela, enfocamos aqui o gênero como sendo do feminino/cis/hétero e masculino/cis/hétero, pois segundo Definição de Gênero, Heilborn (1997) enfatiza que:

Gênero é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo. Significa dizer que a palavra 'sexo' designa agora, no jargão da análise sociológica, somente a caracterização anátomo fisiológica dos seres humanos e a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social. O raciocínio que apoia essa distinção se baseia na ideia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. (HEILBORN, 1997, p. 1).

Homens e mulheres pertencentes a várias sociedades e culturas tem papéis diferentes de acordo com o seu gênero, varia de cultura a cultura, no ocidente a questão cultural do sexo está muito atrelado aos órgãos sexuais masculinos e femininos, de acordo com a concepção dada a eles, o homem é visto como viril o que torna apto a sair de casa e buscar fomentos para a família, através do trabalho braçal, como eram realizados séculos atrás ou nas civilizações modernas onde será condicionado a trabalhar em grandes empresas e corporações e sustentar a família, já a mulher, está muito atrelada ao conceito da procriação, a maternidade deveria ser algo no qual a mulher estaria sempre condicionada, como um "dever" dado a família, por esse motivo, o seu trabalho seria ficar em casa em trabalhos domésticos a cuidar dos filhos, enquanto o marido trabalha fora.

As mulheres têm tido um papel significativo na atividade procriativa até o atual momento, embora os avanços da tecnologia genética possam no futuro alterar esse quadro. Considerando o quadro atual, ocorre que a distribuição das tarefas entre os sexos é, em muitos sistemas culturais, entendida como uma espécie de extensão das diferenças anatômicas (procriativas) entre os sexos. Assim, parece "natural" que caiba ao sexo feminino uma série de tarefas associadas ao papel que a mulher ocupa no processo reprodutivo. O cuidado com a prole é

sempre destinado às mulheres, mas este se situa para além do papel propriamente reprodutivo. Entretanto, ainda assim, recebe uma carga simbólica de atributo prósocial da condição feminina. As mulheres estariam assim, ideologicamente, representadas como mais presas ou imersas no plano natural do que os homens. (HEILBORN, 1997, p. 3).

Ou seja, através da construção social do sexo, as regras ainda estão muito atreladas aos órgãos sexuais, cria-se condutas para ambos os sexos em que cada sujeito deverá se comportar de uma maneira na qual é pertencente ao seu Gênero Masculino ou Feminino, por conta de padrões comportamentais pré-existentes, o entendimento das pessoas sobre sexualidade e gênero de diferentes formas causa estranheza e gera preconceitos sobre as pessoas, como por exemplo o entendimento sobre um casal trans que gera uma criança em seus corpos trocados, mas esse não será o foco no momento. Para tanto exemplificaremos o sexo baseado nas dimensões culturais Brasileiras e sobre ela, Parker (1991 citado por HEILBORN *et al.* 2006, p. 3) enfatiza que

A cultura sexual brasileira é marcada pela existência de um forte sistema de categorias de gênero – macho e fêmea, masculinidade e feminilidade, atividade e passividade –que fornece um quadro de leitura dos comportamentos para os atores. Sendo um sistema estritamente dicotômico, os homens não podem se permitir ter comportamentos que façam nascer a menor dúvida sobre sua masculinidade.

Assim Bozon et al (2003 citado por HEILBORN *et al.* 2006, p. 3) reforça que

[...] Da mesma forma, as mulheres devem administrar os avanços masculinos se quiserem conservar uma reputação de moça de família ou de mulher honesta. Mesmo que a perda da virgindade não seja mais um atributo passível de estigmatização das mulheres, não deixou de existir certa exigência de virgindade moral, que se apresenta sob a forma de um jeito passivo e ingênuo em matéria sexual, o que torna, por exemplo, difícil abordar questões de sexualidade ou de contracepção com parceiro.

Os Casais Heteroafetivos à medida que começam a praticar sexo, as regras para ambos são diferentes, cada um exerce sua sexualidade de forma na qual nem sempre um lado é contemplado, um exemplo disso é a perda da virgindade onde homens são condicionados à prática do sexo desde cedo e mulheres precisam esperar o casamento, ficando puras e castas em casa à espera do “homem ideal”.

Todavia as mudanças comportamentais entre os jovens ao longo do tempo foram aproximando a igualdade entre os sexos, apesar de ainda estarmos longe disso, através do feminismo, mulheres começaram a ter mais liberdade dos seus corpos e escolhas para o sexo, entretanto ainda existem preconceitos enraizados que contribuem para a não liberdade total do sexo para as mulheres. De acordo com a pesquisa GRAVAD⁶ que visa o estudo sobre sexualidade, gravidez e juventude:

O intervalo de tempo que separa o início do primeiro namoro e a primeira relação sexual torna visíveis as associações bem diversas que mulheres e homens estabelecem entre o sexual e o relacional desde a adolescência. Um bom exemplo desse diferencial de gênero é o fato de que 13% dos homens tiveram relações sexuais sem nunca ter tido um namoro ou antes de tê-lo, enquanto isto acontece com apenas 2% das mulheres. Inversamente, observa-se uma maior proporção de mulheres com experiência de namoro, mas que ainda não tiveram relações sexuais (16%), o que é a realidade para apenas 6% dos homens (dados não apresentados). (HEIBORN *et al.* 2006, p. 5)

No namoro e as relações sexuais entre homens e mulheres as condutas sociais são diferentes, os homens tendem a começar a sua vida sexual sem precisar de um relacionamento, já as mulheres em sua maioria tiveram sua primeira experiência sexual com o namorado. Isso porque nas condutas que envolvem o sexo, o machismo estrutural está fortemente atrelado a educação nas famílias, os homens em sua maioria são condicionados a sempre mostrarem virilidade como também total liberdade para o sexo, há uma pressão social que condicionam os homens a terem relações e não relacionamentos, o que dificulta o entendimento sobre respeito mútuo entre os casais.

As mulheres por outro lado, são educadas ao oposto disto, a ideia levantada é que mulheres não poderão praticar sexo fora do casamento de forma casual, para que haja tal “liberdade” é necessário que tenha um parceiro fixo, e

⁶ A investigação “Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil” (Pesquisa GRAVAD) foi elaborada por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paris), Estela M. L. Aquino (MUSA/ISC/UFBA), Daniela Knauth (NUPACS/UFRGS). O estudo foi realizado por três centros de pesquisa: Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde do IMS/UERJ, Programa de Estudos em Gênero e Saúde do ISC/UFBA e Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS. Os principais resultados do inquérito encontram-se publicados no livro “O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros” (Rio de Janeiro: Garamond, 2006), onde podem ser obtidas informações sobre a composição detalhada da equipe de pesquisadores. (HEIBORN 2006)

ainda sim, existe uma parcela de mulheres que são vistas como promíscuas por terem praticado sexo durante o começo da adolescência ou terem engravidado cedo demais.

A caracterização dos parceiros também pode ser realizada segundo o *status* que possuem na relação. Enquanto 86% das mulheres vivem sua primeira experiência com um *namorado* e 4% com seu marido, apenas 45% dos homens a experimentam com uma *namorada*. Metade dos homens e somente 9% das mulheres se inicia com parceiro eventual, do tipo *ficar*; 5% dos homens fazem-no com prostitutas. Tomando-se o prisma da caracterização das parcerias, pode-se afirmar a existência de uma diversidade nas trajetórias masculinas de entrada na sexualidade, que contrasta enormemente com a homogeneidade da experiência feminina na iniciação; esta ocorre quase sistematicamente com *namorados* mais velhos e mais experientes. (HEIBORN *et al.* 2006, p. 10)

Outro aspecto em torno da iniciação sexual de adolescentes desencadeando na gravidez precoce é o da escolarização, de acordo com a pesquisa GRAVAD (2002), jovens de camadas baixas com pouca escolarização tendem a iniciar a vida sexual de forma mais precoce, principalmente as mulheres.

As mulheres apresentam uma maior diversidade de comportamentos em razão de sua origem e de suas características biográficas. O nível de instrução da mãe e o nível de renda familiar, que designam a posição das famílias na estratificação social, têm forte impacto na idade da iniciação sexual feminina. Assim, as mulheres de grupos mais pobres se iniciam mais cedo na vida sexual. Hoje em dia, observa-se uma redução das distâncias entre os grupos sociais em comparação com as gerações mais velhas (BEMFAM, 1997). A cor/raça não imprime diferenças significativas na idade de iniciação, tomando-se todo o conjunto dos inquiridos, o que contraria certos estereótipos correntes na sociedade brasileira acerca de determinados grupos étnicos. (HEIBORN *et al.* 2006, p. 8)

Dentre os fatores, a falta de escolarização, o não acesso aos meios de comunicação corretas e a falta de educação sexual nas escolas, desencadeia em eventos ligados a iniciação sexual entre os adolescentes o que gera problemas ligados a não contracepção e o conhecimento aprofundado sobre sexo e doenças sexualmente transmissíveis por exemplo, a gravidez precoce está muito atrelada a esses eventos, o entendimento coletivo entre os adolescentes sobre as causas e efeitos de uma gravidez é muito rasa.

As estratégias de intervenção em sua maioria não levam em conta a especificidade dos contextos culturais dos sujeitos. As práticas educativas frequentemente tomam a perspectiva de que o conhecimento (transmissão de informação) é suficiente para alterar a conduta. A cultura, no entanto, implica simultaneamente um plano consciente e outro inconsciente (para os sujeitos) que determina as suas ações. (HEIBORN, 2002, p.10)

A iniciação sexual deveria ser pautada de conhecimentos para que os adolescentes amadureçam e entendam os processos de envolvimento entre as pessoas e o sexo, nem sempre a gravidez estará atrelada a um namoro, alguns casos serão de forma aleatória em envolvimento casuais entre os adolescentes.

2.2 Educação sexual nas escolas

Sexo sempre foi tabu na sociedade, por falta de compreensão e diálogos abertos sobre o assunto, acaba sendo interpretado de diferentes formas, o que gera equívocos a respeito de como a educação sexual pode ser inserida no ambiente escolar, o conservadorismo social acompanhado da bancada congressista e a atual situação política contribuem para que não haja evolução educacional no que tange assuntos como pluralidade cultural e educação sexual apesar de estarem inclusos nos PCN's⁷. O livro 10 PCN Orientação Sexual foi criado com o objetivo de promover reflexões e discussões entre técnicos, corpo docente, pais e responsáveis devido ao aumento significativo da gravidez em adolescentes a partir dos anos 90, sendo importante o diálogo a respeito da sexualidade. Sobre o trabalho de orientação sexual nas escolas o PCN Orientação sexual que:

O trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. A existência desse trabalho possibilita também a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS de forma mais eficaz. Diversos estudos já demonstraram os poucos resultados obtidos por trabalhos esporádicos sobre a questão. Inúmeras pesquisas apontam também que apenas a

⁷ Parâmetros Nacionais Curriculares- Diretrizes elaboradas para nortear gestores, coordenadores pedagógicos e professores a respeito da normatização de alguns aspectos fundamentais referentes a cada disciplina.

informação não é suficiente para possibilitar a adoção de comportamentos preventivos. [...]

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. (BRASIL, 1997, p. 78–79).

Nesse sentido, a proposta do PCN de orientação sexual é de orientar sobre a anatomia dos órgãos genitais como também orientação acerca de prevenções sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis entre elas a HIV/AIDS, além de promover diálogos reflexivos sobre o tema sexualidade respeitando cada segmento educacional e suas faixas etárias, e o entendimento e o respeito ao corpo, contribuindo para o bem estar de crianças e adolescentes como também em suas vivências sexuais futuras.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho [...]

escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando, se não uma isenção total, o que é impossível de se conseguir, uma condição de maior distanciamento pessoal por parte dos professores para empreender essa tarefa [...]

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (BRASIL, 1997, p. 83).

Os assuntos transversais são englobados nas disciplinas de forma não obrigatória, sendo escolha das escolas em abordar tais temas, entretanto, quando se fala em orientação sexual ou educação sexual nas escolas, o conceito proposto é a parte dos órgãos reprodutores e palestras sobre uso de métodos contraceptivos e DSTs apenas, não levando em conta as especificidades dos sujeitos e as dúvidas existentes sobre sexualidade. Segundo Gagliotto e Lembeck (2011):

A Educação Sexual nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca

humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais. Tal educação possibilita o desenvolvimento de professores e alunos de maneira a viverem a sua sexualidade de forma mais responsável, prazerosa, fazendo com que a sexualidade humana seja encarada como um dos elementos que compõem a identidade pessoal e entendida como processo de desenvolvimento integral de cada indivíduo social. (GAGLIOTTO; LEMBECK, 2011, np)

O contexto de emancipação da educação sexual, vai muito além do sexo propriamente dito, é a troca de afeto existente entre as pessoas nas quais compõem os relacionamentos, entender que existem pontos a serem discutidos, consentimentos em ambas as partes, diálogos e respeito sobre a individualidade de cada um e sobre a troca de experiências. Nesse sentido, a possibilidade de relacionamentos saudáveis entre as pessoas se torna mais nítido quando não há falta de entendimento sobre as nuances dos relacionamentos.

Esses questionamentos sobre as relações, sexo e corpo começam de forma mais intensa durante a adolescência, uma fase no qual o indivíduo passa por mudanças a se tornar um adulto, sendo importante a educação sexual para que a sexualidade desses indivíduos possa ser vivida de maneira saudável. O local propício a ter esses diálogos a fim de compreender sobre o que é sexualidade é na escola e de acordo com Gagliotto (2009):

A escola é um equipamento social, uma invenção que se distingue pela produção de conhecimentos, transmissão de habilidades, transmissão de disposições simbólicas, ideias, valores, disposições materiais, comportamentais, elementos socialmente produzidos; é uma organização de atividades de uma determinada sociedade. (p. 160)

Apesar de haver um PCN Orientação Sexual, a ser utilizado de forma transversal, com orientações aos professores para ser discutido sexualidade nas escolas, existe uma barreira de impedimento na qual a educação sexual de forma contextualizada não é englobada nos PPPs das escolas. Bernardi (1985, p.25 apud Gagliotto, 2011) a respeito da educação sexual afirma que:

Como a família, a escola é uma instituição que tende a conservar a si própria. Mediante o uso de professores, horários, programas, matérias de estudo, livros de textos, classificações de tipo seletivo, providências punitivas, etc., a escola submete o aluno a um condicionamento maciço com objetivos que praticamente se justapõem aos da família: respeito pela autoridade, obediência, repetição de uma determinada fórmula comportamental, aspirações por valores pré-estabelecidos. A escola

trabalha para que o sistema permaneça vivo sem mudanças qualitativas. A escolarização, diretamente ligada à manutenção e ao reforço da ordem social existente age de modo a defender os esteios primários dessa sociedade e, entre estes, a instituição familiar. A empresa requer duas ações: suprimir todo o gesto sexual que não esteja orientado à fundação da família e remover os impulsos e os desejos que possam sugerir o ato sexual cujo fim não seja um matrimônio codificado. Daí derivam duas regras escolares: a proibição absoluta de qualquer comportamento sexual e a desqualificação da sexualidade. Em resumo, a escola é dessexualizada e dessexualizante. (np)

A escola se movimenta de acordo com os moldes sociais pré-existentes nos quais somos condicionados a aprender e repassar para gerações futuras os mesmos ensinamentos arcaicos com preconceitos raciais e sexuais, principalmente a burguesia que detém dos meios de comunicação mais acessíveis optam por não querer aprender determinados assuntos, ao mesmo tempo empatam o acesso à informação das camadas mais baixas da população fomentando ainda mais as desigualdades sociais. Por falta de informações adequadas o indivíduo acaba compreendendo de forma equivocada sobre os assuntos que são pautados dentro da sociedade como o sexo e a sexualidade das pessoas, acreditando que educação sexual é uma forma de instigar os adolescentes a praticarem sexo como também ensinar sexo as crianças menores, vários momentos foram vistos protestos no país em torno da questão educação sexual nas escolas de uma parcela da população que acredita fielmente nesses delírios informativos, os “defensores da moral e dos bons costumes” estão incluídos principalmente em cargos políticos, enfatizando discursos equivocados o que ilegítima ainda mais o processo educacional sobre sexualidade, apesar do governo federal disponibilizar cartilhas para os jovens com informações enxugadas sobre sexo e mudanças do corpo, e ter uma cartilha dos direitos sexuais e reprodutivo para a população, ainda assim o acesso à educação sexual nas escolas é mínimo. Para Gagliotto (2011):

A escola hoje vem apresentando inúmeras dificuldades. Uma delas é a ligação a modelos educacionais representantes dos interesses da ideologia dominante, que reproduzem as desigualdades sociais e preconceitos, seguindo com má qualidade do ensino, péssimas condições de trabalho, dificuldades na formação dos educadores, salários não condizentes e desvalorização do profissional, o que vem resultando em educadores desmotivados. Esse modelo de educação burguesa responsável por moldar os comportamentos humanos transformou nossa sociedade em seres alienados e preconceituosos,

sendo que o processo educativo perpetua os interesses das classes dominantes e faz do homem um simples realizador de tarefas. Nesse processo, o educador apenas repassa conteúdos meramente informativos, prontos e acabados; dificultando a formação de cidadãos críticos, criativos, seres pensantes e capazes de transformar suas vidas. (np)

Dentre esses vários problemas existentes, outro, porém que dificulta a educação sexual nas escolas é o professor que como várias outras pessoas, possui bloqueios pessoais e religiosos se sentido inseguro em repassar informações sobre o tema sexualidade, principalmente em séries menores, além de ter receio em ser julgado pela sociedade e pelos pais dos alunos sobre o seu trabalho. O professor acaba se restringindo a ensinar somente a parte biológica da adolescência, DST's e métodos contraceptivos sem base dialogada com os alunos, onde poderão colocar questões pessoais sobre a sexualidade e sobre isso, Jardim e Brêtas (2006) enfatiza que:

Os professores têm mais facilidade em ensinar sobre a versão biológica da adolescência, a prevenção da gravidez e das DST's, do que discutir sobre a sua versão psíquica, sobre as vivências e conflitos decorrentes do crescimento e da sexualidade.

Informações e orientações a respeito da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, muito embora sejam necessárias, não são suficientes. Falar sobre sexualidade é referir-se também a sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano.

O professor deveria estar preparado para polemizar, lidar com valores, tabus e preconceitos, mas, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões e acabam dando a elas enfoque totalmente biológico com a função de preservar o educador frente aos alunos com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades. (p.160)

Nesse sentido, para educar sobre sexualidade, o professor precisará estar em constante aprendizado, em busca de pesquisas e leituras para serem repassados aos alunos de forma sensível e aprofundada sobre o assunto. Em vista disso, para Gagliotto (2011):

Primeiramente, tratar da sexualidade na escola requer uma reeducação dos profissionais da educação que estão em contato direto com os adolescentes. Essa reeducação deve buscar, através de fundamentação teórica e científica, discutir e debater a sexualidade humana numa dimensão histórica, antropológica, filosófica, biológica,

psicológica e pedagógica, a fim de compreender e ter um relacionamento que possa colaborar com o seu desenvolvimento. É somente através do conhecimento científico que vamos conquistar a confiança e o respeito dos nossos adolescentes. É uma tarefa que implica grandes desafios, estruturais e conjunturais. (np)

Quando a escola restringe o aprendizado apenas a questões ligadas a parte biológica, está enfatizando que existe um tabu a respeito da sexualidade, essa omissão por parte da família e escola resultará na busca de informações pelos jovens a respeito da sexualidade de forma equivocada, resultando em relações sexuais sem responsabilidades, podendo ocasionar em uma gravidez precoce por exemplo, o adolescente mal-informado poderá passar por experiências desastrosas em sua vida. Para tanto, é necessário que se tenha uma educação sexual emancipatória, para que os adolescentes possam entender de forma aprofundada não apenas o sexo como ato entre os seres humanos, mais sim que isso faz parte de algo muito maior, como o respeito sobre o corpo, principalmente das mulheres, entender que há escolhas e que não apenas uma pessoa da relação detém os direitos sobre o sexo. Para Vasconcelos (1971 citado por Gagliotto 2011) a educação sexual emancipatória:

[...] é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais, e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanha a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor. (p. 111).

Assim como enfatiza Gagliotto (2011), educação sexual vai muito além de informativos sobre DST's, métodos contraceptivos e sistemas reprodutivos, deverá abranger a sexualidade humana sem achismos, baseado em fundamentações científicas, que possibilitem informações acolheras e esclarecedoras, minimizando os preconceitos em torno do sexo existentes na sociedade.

Por se tratar de um tema transversal, o PCN orientação sexual é pautado de acordo com a disciplina na qual poderá encaixar o tema, em relação a questão

da educação sexual ser vista apenas sobre a perspectiva biológica, geralmente o professor de ciências ou Biologia fica a mercê de repassar o conteúdo para os alunos, entretanto, como mencionado acima, o professor para falar de orientação sexual nas escolas, deverá ter um aparato de conhecimento sobre o assunto, de acordo com suas capacitações, poderá ser chamado de “orientador Sexual” a pessoa na escola, responsável por ouvir os alunos e criar estratégias para orientá-los da melhor maneira possível. Sobre o trabalho do professor orientador sexual Gagliotto (2011) enfatiza que:

Ações e propostas isoladas, como palestras ou cartilhas, não atingem os adolescentes, pois somente os sensibilizam, mas não colaboram para que ocorram mudanças positivas e significativas. Receitas prontas e palestras uma vez ao ano são atividades que negam a participação e o diálogo, pois, no caso, os adolescentes apenas recebem as informações, continuando com dificuldades para superar seus conflitos. É necessário promover, organizar e planejar atividades sistemáticas que ocorram durante todo o ano letivo, mantendo um processo permanente de ação e reflexão, desenvolvendo atividades onde os adolescentes possam sugerir os temas a serem discutidos, partindo da realidade e do interesse desses adolescentes, avançando gradativamente, enriquecendo, acrescentando e construindo um conhecimento novo, sanando as dúvidas e as necessidades do grupo. As atividades em grupos, organizadas de maneira prazerosa e com a participação dos adolescentes, discutindo de forma ativa, com questionamentos, troca de informações, de forma respeitosa, livre e enriquecedora, são uma das alternativas que se tem para trabalhar de forma emancipatória a educação sexual. (s/p).

O professor orientador tem a missão de dialogar diretamente com os alunos, esclarecendo dúvidas existentes sobre o sexo e sexualidade, um local seguro onde cada um poderá expor sem julgamentos seus pensamentos e opiniões, essa ligação é muito importante para que o adolescente se sinta amparado em conversar sobre diversos assuntos. Nesse sentido, o professor orientador precisará se desvencilhar de seus pré-conceitos, e utilizar bases científicas e não o senso comum, entender as dimensões do sexo e dos sujeitos de forma sócio-histórica e não apenas biológica.

2.3 O que a cidade de Marabá tem a oferecer aos adolescentes.

Segundo dados do IBGE (2019),⁸ Marabá é uma cidade com 279.349 mil habitantes em sua totalidade, com o aumento populacional a cada ano, é necessário que se pense em políticas públicas voltadas para os jovens, afinal são cidadãos e precisam ter seus direitos garantidos de acordo com ECA:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude. (Brasil, 1990)

A maioria dos jovens são de vulnerabilidade social, alguns situados em locais de alto índice de criminalidade e baixa escolarização. Nessa perspectiva existem vários projetos voltados para a juventude em Marabá, atualmente na câmara de vereadores existe um comitê da juventude para discutir e elaborar

⁸ Dados retirados do <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/maraba/panorama>. Acesso em 20 de abril de 2021

planos de ações voltadas para os jovens, recentemente no dia 16 de maio de 2020 foi discutido junto ao ⁹comitê a inserção para o mercado de trabalho. A preocupação que se tem de acordo com os presentes na reunião é que os jovens com vulnerabilidade social, possam não ter as mesmas oportunidades que outros jovens de camadas médias, para isso o projeto institui que sejam criadas vagas de empregos para menor aprendiz, e cursos profissionalizantes para qualificação profissional.

Além do mais o município atua diretamente com a Secretaria de Assistência Social e Assuntos comunitários- SEASPAC, com foco nos jovens com vulnerabilidade social, são vários projetos que promovem a promoção social, cultura, e o SCFV- Serviço de convivência e Fortalecimento de Vínculos com a família, as ações são desenvolvidas através dos CRAS- Centro de Referência da Assistência Social trabalha com a prevenção e atenção básica, dentre as atividades ofertadas estão o artesanato, oficinas culturais, dança entre outros.

O CREAS- Centro de Referência Especializado da Assistência Social, outro órgão da SEASPC, tem um trabalho mais específico pois configura-se em trabalho de média complexidade onde a atuação se dá justamente na violação de direito dos sujeitos, através do acompanhamento e resolução de mazelas para que esses direitos não sejam novamente violados.

A ¹⁰praça da juventude no km 7 bairro da cidade é outro projeto de prefeitura municipal de Marabá em parceria com a casa da cultura e secretaria de esportes que visa essa garantia de direitos trazendo várias atividades de cunho pedagógico e social, no projeto são atendidos 340 adolescentes e crianças, dentre as atividades estão a capoeira, dança, flauta, musicalização, teatro e skate, futuramente de acordo com a coordenadora do local serão incluídos informática e futebol.

⁹Disponível em <http://maraba.pa.leg.br/institucional/noticias/comissao-da-juventude-discute-estrategias-para-insercao-de-jovens-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 22 de abril de 2021

¹⁰ FCCM: Praça da juventude abre vagas para novos alunos. Disponível em: <https://maraba.pa.gov.br/fccm-praca-da-juventude-abre-matriculas-para-novos-alunos/>. Acesso em 22 de abril de 2021

O projeto de urbanização da cidade conta com praças recém-estruturadas que promovem espaços para a socialização dos jovens e incentivo ao esporte como pistas de patins e skates e quadras de esporte. Outros espaços são voltados para os jovens sendo esses promovidos por associações e instituições religiosas como o Movimento Segue-me¹¹ da Igreja católica, LEO¹² club da associação de LIONS club internacional, e o CAJUM¹³, promovendo espaço de liderança, cidadania e educação aos jovens.

Outro projeto voltado aos jovens é o Cursinho Popular ¹⁴Emancipa, da UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, promovendo cursinho pré-vestibular para jovens de baixa renda que não podem pagar, o intuito do projeto é que os jovens possam estudar e conseguir uma vaga na instituição, tendo resultados positivos todos os anos.

Vários são os projetos existentes na cidade, entretanto, vale ressaltar que os órgãos do município em sua totalidade de atendimentos não abarcam a maioria dos jovens de vulnerabilidade social, principalmente em bairros bastante populosos e de periferia, muitos desses inexistentes de centros comunitários, cursos, praças entre outros, que seriam pontos de cultura e lazer, voltados para jovens.

Outro agravante é a falta de oportunidade de trabalho para os jovens marabaenses, apesar de existirem locais que oferecem cursos profissionalizantes, os jovens de camadas baixas em sua maioria não possuem nenhuma renda que possa subsidiar meios de transporte para o curso, a falta de material escolar é outro agravante, dependendo do local de origem, os cursos

¹¹ Um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana que visa despertar nos jovens o seguimento a Cristo, através do conhecimento de seus ensinamentos, vivência em comunidade através do engajamento pastoral, propõe aos jovens um desenvolvimento do diálogo entre amigos, e especialmente, com a família.

¹² clube de serviço e um programa oficial de Lions Clubs International, com o objetivo em oferecer aos jovens oportunidades de desenvolvimento e contribuição, individual e coletiva, através de projetos de serviços comunitários, funções sociais e atividades voltadas ao desenvolvimento da liderança.

¹³ Centro que promove cursinhos pré-vestibular e cursos de qualificação profissional visando a cidadania dos jovens em Marabá.

¹⁴ Cursinho Popular Emancipa Multicampi, projeto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no intuito de democratização e acesso ao ensino superior para jovens de baixa renda Disponível em: <https://unifesspa.edu.br/noticias/3317-cursinho-popular-emancipa-multicampi-inicia-atividades-em-maraba-e-santana-do-araguaia>

ofertados ficam em núcleos mais distantes e com difícil acesso devido a vulnerabilidade social existente na família.

Com o aumento do desemprego durante a pandemia, muitos jovens acabam buscando empregos informais de forma ilegal, trabalhando em locais o dia todo e não recebendo um salário adequado, o que gera um aumento de evasões durante as atividades remotas na pandemia, por haver prejuízo no tempo destinado ao estudo.

De acordo com dados obtidos de um levantamento prévio realizado pela Associação Cidade Escola Aprendiz¹⁵ para a realização do projeto Territórios em rede em Marabá, houve uma redução da frequência escolar muito grande de crianças e adolescentes durante a pandemia do Covid-19, principalmente em adolescentes na faixa etária de 14 aos 17 anos, a escola seria o único local de encontro desses jovens, o que deixa claro a falta abarcamentos das políticas públicas voltadas esse público, deixando ociosos por não existirem outras atividades além das escolares.

Vale ressaltar que em sua maioria, Marabá oferece apenas opções de empregabilidade para os adolescentes, não fornece a eles opções de cultura e lazer de forma integradora, de projetos de cidadania que tenha centros culturais, esporte, lazer, ao mesmo tempo o jovem marabaenses não é ouvido, as opiniões a respeito do que ele quer não são colocadas para análises. Empregabilidade é muito bom, principalmente quando não se tem recurso financeiros, entretanto, o jovem não se resume apenas a isso, é necessário que ele tenha opções em diferentes esferas para que possa exercer sua cidadania e ter direcionamentos para escolhas no futuro. Diante deste cenário no qual não favorece aos jovens opções de cultura, lazer e o cumprimento de sua cidadania, as projeções em torno da gravidez precoce se tornam solidificadas, como já citado anteriormente no decorrer do texto.

¹⁵ Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/experiencias/projeto-territorios-em-rede-promove-busca-ativa-de-criancas-e-adolescentes-em-maraba-pa/>

SEÇÃO 3

ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1. Percurso metodológico

O método escolhido para este trabalho é a entrevista semiestruturada com abordagem qualitativa, ressaltando o momento histórico vivido pelas adolescentes. Leva-se em conta as relações sociais entre escola e família considerando crenças valores e atitudes. Christian Laville e Jean Dionne (1999 p.189) ao discorrer sobre o método de entrevista:

Em sua flexibilidade, possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como suas representações, de suas crenças e valores...em suma, tudo o que reconhecemos, desde o início, como o objeto das investigações baseadas no testemunho.

Nesse sentido, entende-se que a entrevista é um instrumento de suma importância para entendimento do objeto pesquisado. Cada resposta dada para as perguntas é contada de maneira diferente, cada detalhe contado se torna relevante para a pesquisa. E dentro desta perspectiva Christian Laville e Jean Dionne (1999 p.190) enfatiza que:

O pesquisador deve demonstrar uma grande habilidade de levar seu interlocutor ao essencial, preservando a espontaneidade e o caráter pessoal de suas respostas. Mas se ele chegar lá, pode obter uma qualidade única de observação sobre uma faceta da realidade dos seres humanos.

Ou seja, é necessária sensibilidade ao ouvir e captar as respostas de maneira aprofundada, para que se tenha compreensão sobre os aspectos relativos à pesquisa como também o entendimento sobre a história do outro.

3.2 Participantes da pesquisa

Participaram deste estudo três adolescentes, do sexo feminino, com um histórico de vulnerabilidade social e/ou direitos violados. A escolha das

participantes se deu através de análise do perfil que estava buscando para a pesquisa sendo necessária uma articulação inicial com as famílias. As adolescentes se encontram na faixa etária de 13 a 16 anos, tendo em comum o fato de engravidarem durante o período escolar, tendo em vista os desafios enfrentados por elas como também os riscos de abandono escolar dessas adolescentes em virtude da gravidez precoce.

O presente projeto foi realizado respeitando as adolescentes e suas famílias, sendo trocado os nomes reais por nomes fictícios para garantir o sigilo das entrevistadas, por se tratar de adolescentes com histórico de violação de direitos e/ou vulnerabilidade social, o assunto em questão não foi mencionado na entrevista. Os pais responsáveis autorizaram a utilização dos dados fornecidos para estudo ou pesquisa, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

3.3. Instrumentos para a coleta de dados

Para a pesquisa foi usado alguns instrumentos que serão pontuados a seguir:

- Questionário socioeconômico fechado, com o intuito de conhecer o contexto social no qual as adolescentes e suas famílias vivem. O questionário foi elaborado pela pesquisadora. (APÊNDICE B)
- Roteiro de entrevista com perguntas semiestruturadas para melhor aproveitamento das falas das entrevistadas, baseado nos objetivos específicos e nas inferências para análise dos resultados. (APÊNDICE B)

3.4. Procedimento da coleta de dados

Antes de começar as entrevistas, foi realizada uma análise sobre quais perfis seriam necessários para a pesquisa: Adolescente grávida ou que já tivessem filhos, matriculadas, infrequentes ou fora da escola, com vulnerabilidade social e faixa etária de 13 aos 17 anos.

Os contatos iniciais com as participantes para a pesquisa se deram através de indicações de pessoas conhecidas e ligações via celular para as famílias, fazendo a ponte entre família e adolescente para que a entrevista fosse

realizada, dentre os perfis buscados, as adolescentes têm perfis específicos por conta de violação de direitos e/ou vulnerabilidade social.

Houve um cuidado com as famílias e sensibilidade com as adolescentes, no primeiro momento, foi realizado uma apresentação sobre a discente pesquisadora e qual era a sua pesquisa, uma orientação de como seria os procedimentos para entrevista e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo explicado passo a passo do mesmo para concessão da entrevista.

Foi dada as adolescentes a escolha de concederem a entrevista na frente dos pais ou em um local reservado, para que pudessem se sentir à vontade.

Na semana seguinte foi dado a elas pela pesquisadora um presente como forma de agradecimento pela entrevista, um diário, algo percebido durante as entrevistas é que elas se sentiam sozinhas por não terem amigos, o diário seria uma terapia através da escrita, sendo explicadas a elas que poderiam utilizar o recurso quando quisessem desabafar.

3.5. Procedimento da análise de dados

De acordo com Christian Laville e Jean Dionne (2008) a entrevista Estruturada se constrói semelhante como um questionário, entretanto a vantagem que se tem em poder utilizar esse procedimento é o maior aproveitamento das respostas uma vez que para captação da entrevista, o entrevistador ler as perguntas e anota as respostas do entrevistado, o que poderá ser feito também em formato de áudio para posterior transcrição. Outra opção no modo estrutural da entrevista é utilizar perguntas abertas de forma semiestruturada.

Sempre em função da hipótese e das exigências de sua verificação, o pesquisador pode também reduzir o caráter estruturado da entrevista e torná-la menos rígida e menos constrangedora. Inspirando-se, por exemplo, no que foi feito anteriormente com o questionário normatizado, pode-se conservar a padronização das perguntas sem impor opções de respostas. (Christian Laville e Jean Dionne, 2008, p. 187).

Para a entrevista, foi utilizado um roteiro com perguntas semiestruturadas nas quais a entrevistada teria total liberdade de se expressar para um melhor aproveitamento da pesquisa.

Para a análise de dados, utilizou-se a transcrição dos áudios coletados, em formato de texto pela pesquisadora.

3.6. Organização da análise dos dados da entrevista

Para organizar a análise dos dados das entrevistas, foram utilizadas as seguintes etapas: criação do Questionário socioeconômico e roteiro de perguntas no mesmo documento, coleta das entrevistas através de áudios feitos presencialmente na residência das adolescentes; transcrição das entrevistas em registro através de texto digitado pela pesquisadora com base nas transcrições dos áudios concedidos pelas adolescentes e a escuta sensível durante conversas informais nos intervalos da pesquisa entre a pesquisadora e as entrevistadas, leitura do conteúdo das entrevistas para ser inseridos nas análises dos resultados levantando os assuntos mais recorrentes que foram apresentados pelas participantes em cada temática.

TABELA 1: Temáticas recorrentes no material coletado.

TEMÁTICA	ASSUNTO RECORRENTE
Gravidez	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira experiência sexual • O sentimento de estar grávida • Mudanças na vida
Família	<ul style="list-style-type: none"> • Reações frente a descoberta da gravidez • Acolhimento
Escola	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação Sexual na escola • Postura e reação da escola • Dificuldades enfrentadas pelas alunas gestantes • Aulas remotas na pandemia. • Perspectivas para o futuro.

Fonte: Elaboração da autora/2021

As informações organizadas no quadro acima permitiram um aprofundamento dos dados obtidos, possibilitando identificar dentro dos principais relatos em comum das participantes, as análises e inferências, auxiliando no registro e posterior discussão teórica.

Com base nisso, esse estudo contou com uma análise qualitativa dos dados obtidos.

SEÇÃO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análises das categorias

A pesquisa foi realizada por meio de um roteiro de perguntas semiestruturadas integrado a um questionário socioeconômico pequeno para melhor compreensão do perfil das entrevistadas, os sujeitos da pesquisa foram adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos alunas da rede pública de ensino da cidade de Marabá-PA que estiveram grávidas no período escolar, e respondidos no mês de novembro de 2020, sendo essa a ferramenta que norteou a pesquisa, os dados para análises foram coletados nas entrevistas, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) e o sistema de dados aberto ao público DataSUS. A pesquisa foi realizada de agosto de 2020 a agosto de 2021, com 03 pessoas, questionário de 03 páginas contendo na primeira parte o questionário socioeconômico com 12 opções de marcação e a segunda parte com 23 perguntas semiestruturadas, as entrevistas foram realizadas na residência das adolescentes.

A revisão sistemática foi realizada em três partes: (I) planejamento, no qual as diretrizes da pesquisa foram organizadas com base em um protocolo a ser seguido; (II) condução, que consistiu em buscar obras selecionadas para fundamentar o tema proposto como também os objetivos gerais e específicos; (III) etapa de obtenção de dados, permitindo examinar os estudos selecionados e entender o estado do conhecimento na área investigada.

A abordagem qualitativa foi a escolhida para a interpretação de dados pelo autor. O modo de análise escolhido foi o hipotético-dedutivo com o intuito de provar a hipótese de uma questão problema. A classificação foi exploratória devido a busca aprofundada na literatura utilizando artigos como instrumento de coleta de dados para o estudo.

Para a pesquisa participante com abordagem qualitativa, os perfis selecionados são adolescente estudantes de escolas públicas em Marabá, de

classe social baixa, ambas engravidaram no período escolar, logo ficaram em casa devido a pandemia do covid-19. Inicialmente a amostragem era para ser realizada com 06 adolescentes, devido às dificuldades em encontrar adolescentes nesse perfil e que aceitassem participar da pesquisa, foi realizado com 03 meninas apenas.

A razão pela qual as meninas foram escolhidas eram perfis diferentes em alguns aspectos e com histórias impactantes, o perfil socioeconômico das entrevistadas seria de adolescentes de vulnerabilidade social para buscar entender as demandas e desafios da gravidez precoce.

4.2 Aspectos sociais: Diálogos e discussões

Para contextualizar, o cenário da gravidez em adolescente teve um aumento significativo em meados dos anos 1990 quando a taxa de natalidade caiu para mulheres de 25 anos ou mais, durante os anos, esse percentual pode ser observado gradativamente. Um levantamento de dados atualizados obtidos pelo sistema DataSUS pode-se observar que a taxa de fecundidade entre adolescentes de faixa etária equivalente a 15 anos aos 19 anos é maior nas regiões norte e nordeste.

TABELA 02: Nascidos vivos no Brasil: Nascimento para residência da mãe segundo Região com idade de 15 a 19 anos em 2019

Região	Nascimento para resid. mãe
TOTAL	399.922
Região Norte	65.289
Região Nordeste	136.064
Região Sudeste	123.516
Região Sul	42.440
Região Centro-oeste	32.613

Fonte: MS/SVS/DASIS-Sistema de informação sobre Nascidos Vivos- SINASC

Apesar do quantitativo de gravidez na faixa etária de 10 a 14 anos ser menor comparado a faixa etária de 15 a 19 anos, nas mesmas regiões citadas

acima, o número de casos continua sendo maior nessas regiões, comparado as outras regiões da Federação.

TABELA 03: Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região com idade de 10 a 14 anos em 2019

Região	Nascimento para resid. mãe
TOTAL	19.330
Região Norte	4.112
Região Nordeste	7.504
Região Sudeste	4.636
Região Sul	1.525
Região Centro-oeste	1.553

Fonte: MS/SVS/DASIS-Sistema de informação sobre Nascidos Vivos- SINASC

Na região norte, tanto a faixa etária de 10 a 14 e 15 a 19 lideram o percentual da gravidez precoce com 69.401 casos, ficando abaixo apenas da região nordeste com 143.566, observa-se ainda que as regiões sul e centro oeste são as regiões com menos Casos de gravidez precoce no país, apesar da região sudeste está centralizado quantidade populacional bastante elevada principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o quantitativo de casos é bem menor do que nas regiões Norte e Nordeste.

TABELA 04: Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região Norte com idade de 15 a 19 anos em 2019

Região	Nascimento para resid. mãe
TOTAL	65.289
Pará	29.504
Amazonas	17.311
Rondônia	4.360
Tocantins	4.353
Acre	3.658
Amapá	3.086
Roraima	3.017

Fonte: MS/SVS/DASIS-Sistema de Informação sobre nascidos vivos-SINASC

TABELA 05 Nascidos vivos no Brasil: Nas Nascimento para residência da mãe segundo Região Norte com idade de 10 a 14 anos em 2019

REGIÃO	Nascimento para resid. mãe
TOTAL	4.112
PARÁ	1.816
AMAZONAS	1.248
ACRE	243
TOCANTINS	241
RONDÔNIA	198
RORAIMA	193
AMAPÁ	173

Fonte: MS/SVS/DASUS-Sistema de informação sobre Nascidos Vivos- SINASC

Ainda na análise da região norte com ênfase no estado do Pará, podemos observar a elevação de casos em cidades com populações maiores que é o caso da cidade de Marabá, fonte da pesquisa participante para o trabalho, liderando o 4º lugar no estado.

TABELA 06: RANKING NASCIDOS VIVOS NO PARÁ SEGUNDO IBGE: Nascidos vivos no Pará- principais cidades ano 2017

Região Pará	Nascimento para resid. mãe
TOTAL	
1º Belém	19.409
2º Ananindeua	7.940
3º Santarém	6.777
4º Marabá	4.764
5º Parauapebas	4.582

Fonte: Ministério da Saúde, Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS 2017

Além do mais um levantamento obtido pelo IBGE sobre a evasão escolar em 2019 aponta o percentual de adultos que não completaram o ensino médio até os 25 anos, dentre os fatores apontados estão inseridos a necessidade de trabalhar, falta de interesse, e entre as mulheres a questão da gravidez precoce, O levantamento aponta que os casos acontecem em sua maioria com pessoas pretas e pardas e nas regiões norte e nordeste do país.

Com base nos dados apresentados percebe-se a importância da educação sexual nas escolas como também a valorização da educação em um contexto geral pois de acordo com dados do IBGE (2019)¹⁶, o aumento da evasão escolar dentre os principais motivos estão a necessidade de trabalhar e falta de interesse pela escolarização entre os jovens. Neste contexto de trabalho, as mulheres explicam os afazeres domésticos como um dos principais motivos de abandono ou nunca terem frequentado a escola.

Pode-se observar que dentre os dados apresentados, a questão educacional, a vulnerabilidade social, cor ou raça e gênero está fortemente atrelada a gravidez precoce, sendo essa, parte do problema e não o principal agente causador dele. como já citado anteriormente por Heilborn (2008) em seu estudo GRAVAD na cidade do Rio de Janeiro:

A falta de “condições psicológicas, econômicas ou emocionais” deve ser entendida no quadro mais amplo de “falta de perspectiva de vida” dos jovens pobres. Ignorar que problemas sociais subjacentes aos contextos das favelas, como a brutal concentração de renda, a precariedade das condições de moradia nos grandes centros urbanos, a baixa qualidade do sistema de ensino para os pobres, fatores que não permitem a essas jovens descortinar outros horizontes de realização que não seja ter um filho no colo. (p. 1)

A análise proposta aqui, levanta a problemática da desigualdade social existente no país, dentre os dados apresentados pode-se observar que os estados que mais exibem casos são aqueles com menos incentivos de desenvolvimento, apesar das regiões sudeste ter um número elevado de casos, dentre as cidades mais populosas em que a vulnerabilidade social também prevalece, as nuances do problema estão envoltas na população periférica, preta, parda e vulnerável socialmente.

¹⁶ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>

Gravidez na adolescência: Descoberta e mudanças na vida

O tópico a seguir trás as falas das adolescentes de como se sentiram ao descobrir a gravidez precoce, tendo elas analisado quais mudanças ocorreram em suas vidas após a descoberta.

4.3.1 Primeira experiência sexual

Todas as entrevistadas tiveram sua primeira experiência sexual seguida da gravidez precoce.

Juliane¹⁷: *“Eu engravidei com 14 anos, e tive meu filho com 15 anos.”*

Verônica: *“Eu tive a minha primeira relação sexual com 13 anos. Aí engravidei com 13 e completei 14 em setembro.”*

Jaqueline: *“Eu engravidei com 12 anos.”*

Os parceiros nos quais as entrevistadas tiveram sua primeira experiência sexual em sua maioria é adolescente de idade compatível das meninas.

Para Juliane a experiência aconteceu devido ela e seu namorado estarem apaixonados, e ele soube da gravidez.

“Não, minha relação eu estava namorando, mais só que escondido, minha mãe não sabia (rios da entrevistada) aí eu fui e....eu namorei com o meu esposo que hoje eu estou agora com ele.”

Verônica por sua vez engravidou na sua primeira experiência em uma festa coisa de momento, uma ficada entre adolescentes, não sabe o nome do garoto e não conseguiu achá-lo, acabou por assumir a maternidade sozinha.

“Na verdade, não porque eu não sei quem é, porque foi só uma coisa de momento em uma festa, tentei descobrir mais não achei, também não quis saber não me aprofundar no assunto.”

¹⁷ Os nomes são fictícios para preservar a identidade da entrevistada

Jaqueline por sua vez é um caso de estupro de vulnerável¹⁸ de acordo com o Artigo 217 do código penal. Devido a situação, a adolescente não quis se aprofundar no assunto sendo essa a sua resposta para a pergunta:

“O pai é adulto e não soube da gravidez”

Conforme incluído pela Lei nº 12.015, de 2009 o Código penal Brasileiro descreve sobre estupro de vulnerável:

Art. 217-A. Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos:

Pena – reclusão, de 8 (oito) a 15 (quinze) anos.

§ 1º Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

§ 2º (VETADO)

§ 3º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena – reclusão, de 10 (dez) a 20 (vinte) anos.

§ 4º Se da conduta resulta morte:

Pena – reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos. (Brasil, 2009)

Em relação a iniciação do sexo na adolescência, já citado anteriormente, Heilborn *et al* (2006) enfatiza que:

Para além de um calendário da iniciação em que a influência do gênero é marcante, há outra diferença significativa: a dissimetria de experiência entre os parceiros. A primeira relação sexual é geralmente vivida com uma pessoa já iniciada sexualmente: as mulheres, em 83% dos casos, escolheram parceiros experientes enquanto 57% dos homens tiveram parceiras já sexualmente iniciadas no momento da primeira relação deles. A diferença etária entre parceiros reflete também uma desigualdade de experiências. São poucas as mulheres que têm sua iniciação sexual com parceiro mais jovem (2%), tendência observada para 10% dos homens. (p. 09)

Ou seja, as mulheres adolescentes em sua maioria tendem a iniciar a vida sexual com um namorado fixo, com vida sexual ativa a mais tempo, com a mesma faixa etária de idade ou até mesmo mais velho do que a parceira que é o caso da entrevistada Jaqueline, entretanto a sua faixa etária de idade juntamente com o a do rapaz na qual teve sua primeira experiência sexual não

¹⁸O assunto não foi abordado pela família devido a delicadeza do caso, porém a informação foi conseguida através de fontes oficiais e o caso corre em segredo de justiça.

eram compatíveis, principalmente por conta da idade da entrevistada, 12 anos o que configura em estupro de Vulnerável, apesar do entendimento da família que era apenas um relacionamento com alguém mais velho, a situação não condiz com o que determina a lei, uma criança com 12 anos de idade não tem amadurecimento suficiente e muito menos idade para a prática do sexo e uma pessoa cuja a idade seja superior a 18 anos de idade, tem total domínio emocional sobre a outra, o que torna problemática a questão das relações, um fator importante sobre isso é justamente a gravidez precoce da adolescente, cujo filho foi registrado apenas em seu nome devido à falta de responsabilidade do abusador, o processo está em aberto sendo este um crime que não prescreve.

No quesito ficada gíria usada aos jovens para determinar um beijo ou sexo por um momento, as mulheres escolhem um parceiro mais velho que possa conduzir o sexo e nem sempre essa faixa etária condiz com a estabelecida no contexto de adolescência, o que é dos 14 aos 17 anos. Outro fator que condiz com as primeiras experiências sexuais ocasionado em uma gravidez precoce é o grau de escolaridade e renda, quando mais as desigualdades aumentam, o acesso à educação de qualidade se estreita fomentando a falta de acessos a cultura, lazer, entre outros e principalmente a falta de acesso à educação sexual de maneira contextualizada.

A ocorrência de uma gravidez antes dos vinte anos variou inversamente com a renda e a escolaridade. Entre as mulheres, os contrastes são mais expressivos e a prevalência entre as que tinham até primeiro grau incompleto (59,6%) corresponde a 13 vezes o valor observado entre aquelas com nível superior de instrução (4,6%). (AQUINO *et al.*, 2003, p. 381.)

À medida que os jovens de camadas baixas não usufruem desses espaços culturais como também de uma educação de qualidade, os diálogos e estreitamentos de oportunidades se intensificam ainda mais, dentro deste contexto de vulnerabilidade social, principalmente as mulheres acabam por engravidar cedo e posteriormente desistindo da escola com o tempo, como enfatiza Ximenes Neto *Et.al* (2007, p.282)“A adolescente que vive em um meio

social desprovido de recursos materiais, financeiros e emocionais satisfatórios, pode ver na gravidez a sua única expectativa de futuro, e com isto, acaba vulnerabilizada.”

4.3.2. O sentimento de estar grávida

Segundo as entrevistadas a primeira reação sobre a descoberta da gravidez foi o choque:

Juliane: Ah eu me senti... sei lá...primeiramente eu fiquei em choque porque a minha... quando eu fui fazer o teste, no banheiro da escola, as minhas amigas tudo ficaram chorando com medo da reação do que a minha mãe ia fazer (...)

Verônica: Na verdade eu não aceitei bem porque eu era adolescente, para mim isso foi inesperável até para os meus pais e para mim, porque eu não sabia, eu pensava que eu não estava e quando eu descobri eu fiquei chocada, eu queria até ter abortado.

Jaqueline: Eu sentia muito enjoo muita anemia, eu acordava tarde, a mãe que de vez em quando me acordava cedo, eu ia no posto só quando era para a consulta, comia bastante, e só.

E posteriormente a aceitação.

Juliane: Eu não chorei não fiz nada, eu fiquei sei lá, mas eu já sabia, eu nem fiquei impressionada e nem...aí depois que...eu fui me acostumando, que a barriga foi crescendo e que minha mãe descobriu (...)

Verônica: mais aí não sei o que deu... eu aceitei e fui pra frente, eu sabia que eu ia... como posso dizer, ser julgada por muitas pessoas e tal, mas, tinha que ir pra frente a criança não tinha culpa de nada, então... eu segui na minha vida e foi isso.

Jaqueline: Eu não sabia, meu pai que dizia que eu estava grávida, aí sempre dizia que eu estava grávida, mas eu não acreditava, sempre dizia que era mentira, aí minha mãe marcou um dia para fazer uma consulta, para saber se eu estava grávida mesmo, aí deu que eu estava grávida.

Diante deste cenário, apesar dos problemas existentes e devido as especificidades de cada caso, as entrevistadas aceitaram a gravidez como também criar os filhos de maneira solo, com exceção de Juliane que está em um relacionamento estável com o namorado pai do seu filho. Dentre os fatores relacionados a aceitação da gravidez precoce estão a influência da família e o

apoio dela, questões religiosas que são contra o aborto, sendo essa uma prática realizada por muitas mulheres de forma ilegal devido a não descriminalização do aborto no país, e a responsabilização do ato de engravidar culpabilizando a adolescente. Para Luz (1991) apud. Garcia (1985) e Admire e Byers (1981)

O impacto da gravidez conforme Garcia (1985:285) "é, talvez, o momento mais crítico (...) pois mesmo em situação normal sempre há conflitos a serem resolvidos". Salieta, ainda, a autora que este processo é mais difícil na gestante solteira devido às pressões e à censura da família e da sociedade. Frente a esta difícil situação que tem de enfrentar, a primeira reação da adolescente quando toma conhecimento de sua gravidez, é de choque, que se manifesta de diversas formas, "reação de raiva, lágrimas, medo ou, até mesmo, apatia aparente" (Admire e Byers, 1981 :62)

De certo modo, ao engravidar, a adolescente passa por um processo de adaptação da aceitação da gravidez, o período da gestação é um momento delicado no qual várias situações poderão ocorrer, como a rejeição do feto, aborto espontâneo, depressão pós-parto entre outros, ao percorrer este caminho até o nascimento, o processo de assimilação da maternidade surge aos poucos levando ao processo de acomodação e assimilação do ocorrido, com isso, tende a aceitação da gravidez e a criação do filho. Partindo desse pressuposto, aceitação seria uma parte seguida pelas adolescentes como forma de encarar os desafios, tendo em vista o amadurecimento, porém como enfatizam Pontes et al (2010, p. 92):

Poderíamos pensar, num primeiro momento, que o fato de os adolescentes estarem sendo capazes de se verem vulneráveis a uma gravidez não planejada seria indicativo de maior amadurecimento emocional para lidar com as questões relativas à esfera sexual. Entretanto, ao observarmos mais detalhadamente o imaginário de feições paranoicas e o de caráter mais onipotente, podemos concluir que ambos revelam o quanto os jovens podem estar lidando com o desabrochar de sua sexualidade de maneira emocionalmente empobrecida, ora associando-a a imagens terríficas, ora exercendo-a de maneira impulsiva e despreocupada.

O processo de amadurecimento requer muito mais do que a aceitação da gravidez, com o tempo as percepções vão se ajustando de acordo com a rotina e a realidade de cada uma, os contextos e gravidades de uma gravidez precoce

não é compreendida a certo modo de forma aprofundada pelas adolescentes, entretanto elas mesmas não veem muitas opções a não ser aceitar a gravidez e tentar da melhor forma possível criar seus filhos.

4.3.3 Mudanças na vida

Sobre as mudanças que ocorreram na vida, as entrevistadas citaram falta de amizades devido a gravidez e o amadurecimento em virtude das responsabilidades.

Juliane: Teve um bocado que eu... assim, eu não tenho mais, igual a minha mãe falou, a gente só vê quem é amigo, quando a gente tá na pior, aí eu não tenho pra te dizer aquele tanto de menina que ficava perto de mim, que ficava comigo, dizer ah eu sou tua amiga, sou isso, sou aquilo, nenhuma mais, nenhuma, não tenho mais nenhuma, tudinho seguiram seu rumo (...)

Juliane: Eu mudei, agora que pra mim eu sinto pode se dizer uma mulher mesmo, não sou mais uma menina, aí, depois que eu tive meu filho, eu me senti assim tipo mais responsabilidade pra mim, e eu me senti assim, ah eu não sou mais aquela menina de antes, na minha mente de ficar naquela... naquele monte de bagunça, com um bocado de menina, é... gritando no meio da rua, brincando na folia, não, pra mim agora é minha responsabilidade, tenho roupa pra lavar, tenho comida pra fazer, tenho casa pra limpar, tenho meu filho pra cuidar, tem meu esposo pra lavar as roupas dele sujas do serviço, agora eu tenho tudo, não tenho tempo mais pra nada.

Verônica: Teve muita mudança, por tanto fisicamente como mentalmente né? Mentalmente eu tive que me preparar, na verdade eu tive que encarar isso, e bola para a frente, meu filho, graças a Deus ele não me dá muito trabalho, tive que aprender a trocar fralda, banhar, vestir, coisa que eu não sabia. Então, eu tive que aceitar e cuidar do meu filho, teve uma dificuldade porque eu tenho ainda aula que é, pegando as atividades, que eu tenho que deixá-lo dormindo para fazer as minhas atividades e é isso.

Jaqueline: Por um tempo foi bom, bom é que eu ia ter um filho, o ruim é que eu pensava que eu não ia poder fazer mais nada, porque eu ia ter um filho, aí acabar tudo para mim, mais não, fez foi mais uma alegria para mim não tem? E eu não me arrependo, no começo eu pensei, fiquei com medo que não ia dar certo, a área de serviço, não ia dar certo por causa da criança, mais não.

Paras as entrevistas, foi um desafio muito grande encarar a gravidez, ambas relataram como está sendo esse processo, em suas concepções a

gravidez as deixaram fortalecidas, e estão cientes das responsabilidades, apesar deste pensamento. O que para Ximenes, Neto et. al (2007 p. 05):

A gravidez na adolescência leva, quase sempre, à destruição de planos e o adiamento de sonhos, introduzindo a mulher adolescente numa situação de (des) ajustamento social, familiar e escolar, podendo levá-la a um momento de crises, que dependendo do grau de ajuste da personalidade, ela pode sair desta crise fortalecida ou caminhar para depressão, tentativa de aborto ou suicídio. Em relação a este contexto Zagury fala que quando a realidade se interpõe ao sonho, a desilusão e a frustração tomam conta.

A gravidez apesar de ser aceita pela adolescente e pela família, não deixará de ser menos problemática e precisar de atenção, sendo necessária uma rede de apoio para que os problemas ao surgirem possam ser menos impactantes na vida das adolescentes.

4.4 Família: Reação e Acolhimento

Para o tópico seguinte, foram apresentadas perguntas a respeito de como se deu a reação da descoberta da família das adolescentes sobre a gravidez, logo mais, saber quais foram as medidas de acolhimento e apoio que as adolescentes receberam das suas famílias.

4.4.1 Reações frente a descoberta da gravidez

Todas as entrevistadas tiveram apoio dos seus familiares para cuidar do bebê, entretanto no começo foi bem difícil:

Juliane: A dele já reagiu assim, com alegria, porque a avó dele ia ter um bisneto, primeiro bisneto dela, e a minha vó também, só que a minha mãe não, minha mãe, a minha mãe ficou meio que, ela ficou em choque, por ela, acho que ela tinha me batido, ela e meu pai, agora... a minha vó não, a minha avó falou pra ela que ela não tinha que fazer nada, que quando a vó descobriu também que ela estava grávida, a vó não fez nada com ela, não bateu nela, a vó não fez nada com ela.

Verônica: Minha mãe, ela ficou na verdade eu não soube a emoção da minha mãe, porque ela me apoiou ela me deu o maior apoio que já tive na minha vida, o meu pai ele ficou surpreso, mas também ficou chateado, ele não esperava isso de mim, ele passou uns três dias sem falar comigo (...)

Jaqueline: Normal, assim um pouco, já que eu sou criança ainda né? Mas passou né? A minha mãe ficou muito chocada.

4.4.2 Acolhimento

Juliane: depois minha mãe foi se acostumando, agora o menino, ela não desgruda dele, é o amor da vida dela, a alegria da casa dela lá, porque só tem mulher, eu sou a filha mais velha dela, e a neta mais velha, a primeira neta da minha vó, o primeiro bisneto da minha vó e o primeiro neto da minha mãe. Aí depois que se acostumou foi só alegria na família.

Verônica teve ajuda dos seus familiares desde o início, incluindo o pai e seus irmãos:

mas depois começou a me ajudar. Os meus irmãos eles também não esperavam, mais depois de alguns tempos eles começaram a me ajudar, eles aceitaram.

Jaqueline explica que não recebe ajuda do pai da criança, os pais da adolescente não querem que ela tenha aproximação com a família paterna da criança. A família da Jaqueline apesar de estar em um quadro de vulnerabilidade social a ajudam como podem.

Jaqueline: Mas estão me apoiando em tudo, leite massa, meu pai compra dá um jeito, tão me apoiando mais só quem me apoia é a família da minha mãe, parte do pai não (pai da criança), meu pai não aceita, entendeu? Mas é meu pai que compra tudo, mingau, leite, ele dá o jeito dele e vai comprar o leite do menino.

Os processos de aceitação de uma gravidez precoce é algo doloroso tanto para a adolescente como para a família, devido ao surgimento de várias questões, socioeconômicas, culturais e a escolarização da adolescente, muitas delas deixam de estudar para cuidar do filho, logo mais arrumam empregos subjacentes para ajudar nas despesas e o cuidado com a criança, em sua maioria e como exemplo das entrevistadas acima, duas delas são mães solo, que não tem apoio do pai da criança, apenas da família, sendo esse um apoio crucial para que a adolescente continue na escola e mantenha a sua saúde mental.

Entretanto, cada família irá reagir de formas diferentes, apesar do estranhamento e o processo de aceitação no começo, tendem a apoiar as adolescentes, outras, porém poderão tomar medidas extremas como expulsar a adolescente de casa e induzir a abortos contra a sua vontade (MIURA et al, 2017). Entretanto o que poderá determinar tais comportamentos provém de regras já existentes na sociedade, utilizadas como modelo padronizado de comportamentos, como enfatiza Peloso *et. al* (2002)

Os fatores culturais influenciam na maneira da família compreender uma maternidade precoce. Famílias que já tiveram outros casos tendem a ser mais acessíveis em aceitar essa situação. Mas, para as famílias com influências religiosas extremas e com padrões rígidos de moral, essa situação torna-se difícil de ser trabalhada. (p.779)

Muito do comportamento de incredulidade está atrelado a sensação de decepção pelos pais, Peloso *et al* (2002)

São assim obrigados a reavaliar suas condutas e posturas frente ao mundo e às mudanças que nele ocorrem. Tudo isso leva a um grande sofrimento, pois a estrutura, os valores que julgavam sólidos, desmoronam e assim são obrigados a buscar novos horizontes. (p. 778)

As mudanças de comportamento poderão ser mudadas e como o acolhimento da família, poderá ser reestabelecido o processo de ressocialização da adolescente nos outros grupos sociais.

A socialização é realizada, simultaneamente, pela família, pela escola, pela igreja, pela mídia e pelo grupo de iguais, entretanto, a família é o primeiro grupo de referência e seus valores perpassam as definições de papéis diferenciados de acordo com o gênero e a idade, desde a infância. 18 Se a família é vista como a unidade básica do processo de socialização, as relações intergeracionais permitem apreender a dimensão temporal da socialização, apontando o "desmapeamento". (LIMA *et al*, 2004, p. 79)

A família é de suma importância no apoio a adolescente gestante, para que ela possa continuar a estudar, como vimos, das adolescentes apresentadas, apenas uma tem um relacionamento com o pai da criança, as outras duas são mães solas, nesse sentido a família continua a ser a base de apoio, sendo necessária a intervenção até mesmo de cuidados e itens como fraudas, leite e roupas.

4.5 Escola, Gravidez e abandono: dificuldades enfrentadas

No tópico apresentado, as adolescentes explanam sobre orientação sexual, e os impasses da gravidez precoce com o ambiente escolar, como a escola reagiu e como a escola lida com o cenário da gravidez precoce.

4.5.1 Orientação sexual na escola

As respostas das entrevistadas para conhecimento sobre orientação sexual foram bastante parecidas, nenhuma delas sabia exatamente sobre sexualidade.

Juliane: Eu não sei nenhum, não sei nada!

Verônica: Para mim orientação sexual é quando a pessoa, ensina a usar camisinha, a se proteger, e como posso falar, a ter suas próprias regras do teu corpo na verdade, a querer a não querer, ah e é isso (risos).

Jaqueline: Não sei (risos)

Como já citado anteriormente, o PCN (1997) para orientação sexual vem trazer diretrizes para nortear o corpo docente das escolas para ministrar o conteúdo de forma aprofundada, sendo necessário, analisar alguns pontos importantes:

O trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual dentro da escola articula-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes. A existência desse trabalho possibilita também a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS de forma mais eficaz. Diversos estudos já demonstraram os poucos resultados obtidos por trabalhos esporádicos sobre a questão. Inúmeras pesquisas apontam também que apenas a informação não é suficiente para possibilitar a adoção de comportamentos preventivos.

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. (Brasil, 1997, p. 78-79)

Apesar do que diz o PCN, as escolas poderão buscar o conhecimento aprofundado sobre o assunto, desmistificando tabus pré-existentes entre a própria escola e a sociedade no qual fomentam, o caminho é dialogar com os alunos de forma aprofundada e coerente, para isso, a importância de um profissional especializado na área de educação sexual que irá ter conhecimento

Científico e dinâmicas para tratar sobre o assunto como enfatiza Gagliotto (2011) citando Vasconcelos (1971).

E nenhuma delas tiveram acesso a orientação sexual de forma contextualizada, nem pela família, tão pouco pela escola. Quando pergunto sobre a escola e se houve ou não educação sexual, as respostas foram em relação a palestras e trabalhos escolares.

Juliane: Quando antes de eu sair de lá, o pessoal, quando eu estava grávida, eles levaram o pessoal da saúde para poder dar uma palestra sobre sexualidade.

Verônica: Teve sim duas vezes, algumas pessoas de fora, e outras que a gente mesmo fez no trabalho escolar.

Jaqueline: Não me deram educação sexual, não teve nenhuma aula dessa.

Pergunto se a família em algum momento conversou com elas sobre sexualidade:

Juliane: Sim, a minha vó, a minha vó e a minha mãe, me dizem os remédios certos não tem para eu tomar, que elas já tomaram para poder se prevenir porque para eu não ter outro, um em cima do outro né.

Verônica: Eu tive orientação sim, quando eu era, quando eu completei meus, na verdade já tinha com 13 anos né, minha mãe, explicou para mim tudo, então eu tive sim, minha mãe, meus pais explicaram então eu sabia já.

Jaqueline: Me avisavam, meu padrasto, para ter segurança, usar camisinha, tomar remédio, mas eu não segui os conselhos direito (risos).

Para Gagliotto (2011, s/p).

A família encontra-se ausente para responder às dúvidas dos adolescentes, e a escola e os professores agem como indivíduos assexuados. Os professores, na grande maioria, agem como se, no espaço escolar, não existisse sexualidade ou como sendo um lugar proibido de se falar, discutir ou perguntar sobre sexo e sexualidade, como também comunicar-se e expressar-se usando uma linguagem diferente da linguagem padrão e aceita no meio escolar e na classe dominante.

Verificou-se que a família acaba por se restringir a tratar do assunto de forma aprofundada devido à falta de conhecimento aprofundado também, uma

vez que os pais desses adolescentes da mesma forma não obtiveram os ensinamentos sobre sexualidade, o que é passado de geração e geração é o pouco que se sabe, sendo repassado para os filhos, o que dificulta o entendimento mais amplo sobre o assunto, o Adolescente brasileiro não tem acesso na escola e muito menos na família, desta forma, os conhecimentos adquiridos sobre o assunto sexualidade poderá ser adquirida de forma equivocada por meios de comunicação como a internet por exemplo.

4.5.2 Postura e reações da escola

Sobre a escola, as adolescentes disseram que receberam apoio da gestão e o corpo docente da escola, com doações de fraldas e presentes para os bebês.

Juliane: Foi um pouco bom, foi bem acolhido, mas, passando de um tempo, parece que eu, para mim, eu tinha feito alguma coisa bem errada, que eu merecia ser punida, aí, agora os professores não, os professores sempre me perguntavam se eu estava precisando de alguma coisa, o meu bebê se estava precisando de fralda, ou eles levavam fralda, levava presente pra eles, levava roupa, levava tudo.

Jaqueline: A diretoria da escola, me deram um enxoval do bebê, me apoiaram me deram bacia, me apoiaram bastante, me ajudaram.

Verônica estava com cinco meses de gestação e resolveu de comum acordo com a família não revelar a gravidez com receio de julgamentos por parte da escola.

“Na verdade, eu comecei a estudar eu estava com cinco meses, não apareceu barriga, também a gente não contou né, aí chegou à pandemia, aí ficou sem ninguém saber a verdade, parei de ir pra escola então não teve conversa e reações na escola, pois eles não sabiam sobre a minha gravidez.”

Sobre a reação e acolhida dos alunos as adolescentes disseram que em determinado momento se sentiram acolhidas, mas que com o passar do tempo percebeu um distanciamento dos colegas de turma.

Juliane: Depois que eu engravidei, Deus me livre, parece que eu fui a atenção da sala, depois que o bebê nasceu aí mesmo que piorou a atenção. As meninas deixavam de prestar atenção na aula, para poder ir olhar o neném, e professor até brigava, tinha uma professora lá que não gostava de mim, aí na hora que as meninas iam olhar o bebê, aí ela brigava.

Jaqueline: Eu percebi, que alguns alunos em olhavam com a cara tipo, meu Deus essa menina com 13 anos está grávida! Houve um pouco de preconceito das pessoas, passava me olhando, falavam de mim mais eu não prestava atenção para isso.

Apesar de não dizer ao corpo docente da escola, a gestão e nem aos alunos, a adolescente Verônica expressa com sua percepção, o que aconteceria se descobrissem sobre sua gravidez:

“Eu acho que eles iam ficar surpresos, e talvez me julgar eles me julgariam porque tinha muita cara para fazer isso, mas acho que eles não ficariam do meu lado, não ficaria por causa que para eles eu sou a errada eu sou, vamos dizer “a puta” que deu e engravidou, então eles não me apoiariam.”

Em um contexto geral é perguntado se as adolescentes se sentiram acolhidas ou rejeitadas pela escola e ambas não sentiram o acolhimento de verdade. Juliane teve um episódio de discussão com a vice-diretora da escola, devido chegar atrasada para uma prova, em sua defesa a adolescente explicou que o filho estava doente e por isso precisou demorar um pouco mais em casa.

“Teve só uma pessoa da escola mesmo que foi essa mulher lá da escola que ela é vice- diretora que ela ficou nessa ignorância, Eu falei, eu até comentei com ela que, não era só porque ela era vice-diretora que ela não tinha o direito de pisar em todo mundo não, ela falou que da próxima vez que eu insultasse ela, ela ia me tirar da escola, eu falei assim que podia tirar porque não tinha só essa escola, aqui no bairro, e eu falei pra ela que nada que ela falasse pra mim iria me atingir.”

Jaqueline expressa-se que sentiu preconceito das pessoas na escola, onde comentavam sobre a gravidez e a olhavam constantemente.

“Um pouco rejeitada porque o povo falava demais e não disfarçava, ficava olhando para mim, falava de mim, é chato né, eu me sentia assim, meia, como é o nome meu Deus do céu? Vê assim nova demais, fiz besteira (risos).”

Verônica por sua vez, não contou a escola sobre a gravidez e então reformulo a pergunta para saber o motivo que a fez não revelar a ninguém.

“Porque eu tinha medo, medo... das pessoas falarem, das pessoas julgarem, porque as pessoas o que mais fazem na escola é julgar, então, se eu contasse ia ser a maior fofoca da escola vamos dizer. Então eu deixei quieto, e chegou à pandemia, e me deu um espaço de ninguém ficar sabendo lá para a parte da escola.

Diante do de um cenário de gravidez precoce, a escola tende a apoiar as alunas de forma pessoal, fazendo doações de roupas e objetos principalmente para aquelas nas quais enfrenta dificuldades financeiras na família, a atenção voltada a elas está ligada a “novidade do momento”, por outro lado, essa atenção em volta da adolescente tende a diminuir e inexistir com o tempo, e outros problemas em torno da escolarização ligadas a gravidez precoce irão surgir no dia a dia das alunas, como pontua Juliane na fala acima, sobre chegar atrasada na escola e quase perder a prova por conta do filho está doente naquele dia, para que as adolescentes não desistam da escola, é necessária uma rede de apoio sem julgamentos e Cerqueira-Santos et al (2010 p. 10) enfatiza que:

Nesse sentido, a escola pode assumir um importante fator de proteção para a gravidez na adolescência. A interação entre pares, a presença de professores comprometidos com a formação plena somado ao apoio e a presença familiar podem compor o mesossistema dos adolescentes.

Nesse impasse da gravidez precoce, a escola tende a não saber lidar no cotidiano com essas adolescentes, o que poderá com o tempo ocorrer uma evasão escolar, devido aos problemas corriqueiros enfrentados pelas alunas.

4.5.3. Dificuldades enfrentadas pelas alunas

A respeito de como era a rotina escolar durante o período de gestação, as adolescentes pontuaram os desconfortos da gravidez, entretanto para elas não foi um empecilho para continuar estudando.

Juliane: Eu conseguia, mas ao mesmo tempo parece que depois que eu engravidei, parece que tudo sumia da minha cabeça, eu ficava mais no

pensamento do meu bebê, mais era o cuidado era dele, eu ficava meio que perdida na matéria, parece que eu fiquei pode se dizer burra, vamos se dizer logo assim, sei lá eu me perdi toda nas matérias, eu ganhava sempre notas baixas.

Verônica: Na verdade, não tive dificuldade quando eu estava grávida na escola, mas era só o remédio que eu tomava e me dava vontade de vomitar, eu tomava um remédio e passava, então eu chegava em casa, almoçava, então não me deu dificuldade não quando eu estava grávida.

Jaqueline: Não, não senti dificuldade de nada não, lá na escola nunca senti nada assim, só um dia que eu senti dor de cabeça e vim para casa.

De acordo com dados do boletim ¹⁹Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação feito pela UNICEF, houve um aumento significativo de evasão escolar, proveniente das dificuldades enfrentadas pelas famílias e fatores de exclusão social que fomentam ainda mais o cenário de exclusão escolar no Brasil, dentre eles se destacam a vulnerabilidade social com percentual de 4,3 % de crianças e adolescentes de 04 aos 17 anos na região norte, seguindo do nordeste com 2,7% em 2019, o desinteresse pela escolarização nas faixas etárias de 11 a 14 anos com 37,5%, problemas de saúde permanente com 21,1% e gravidez precoce nas mulheres 13,9%, na faixa etária de 15 a 19 anos, continuam se destacando o desinteresse pela escolarização com 38,5%, motivo de trabalho com 14,6% e a gravidez precoce em mulheres com 26,5%, o percentual de exclusão escolar na faixa etária de 15 a 17 anos se acentua em relação ao gênero com 50,9% para mulheres e 49,1% para os homens.

Em 2020 5,1 milhões de crianças e adolescentes não tiveram direito de apreender durante a pandemia, no total de crianças e adolescentes entre 04 a 17 anos sendo pretos, pardos e indígenas, 71,3% foram afetados durante a pandemia principalmente nas regiões norte e nordeste do país.

4.5.4 Perspectivas para o futuro

¹⁹ Cenário da Exclusão escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>

Ambas entrevistadas expressam o desejo de continuar estudando para dar melhores condições de vida aos seus filhos:

Juliane: Pretendo, quando voltar as aulas, eu vou ver se faço EJA, porque eu não quero ficar atrasada, que eu quero terminar o estudo bem certinho.

Verônica: Pretendo sim, quando voltar tudo ao normal eu pretendo ainda me formar, e dar uma vida boa para o meu filho na verdade.

Jaqueline: Sim eu vou voltar a estudar, quero faculdade, ensino médio, quero ensino médio, depois faculdade, mas eu vou conseguir em nome de Jesus.

As adolescentes entrevistadas ainda estão matriculadas e pretendem terminar os estudos, dentre as falas para elas o que as fazem ter mais motivação é a realização profissional através da educação para dar uma vida confortável para seus filhos, a caminhada não será fácil e muito menos curta, entretanto um ponto importante na vida das adolescentes entrevistadas é o apoio familiar que ambas tem, o que contribui para a não evasão escolar dessas meninas, apesar da evasão escolar está diretamente ligada a gravidez precoce e outras questões relevantes, as meninas selecionadas para a pesquisa participante deste trabalho, não evadiram da escola, continuaram estudando estando apenas infrequentes por um determinado período, entretanto, vale analisar que tanto a família como a escola poderão continuar a apoiar as adolescentes, para que futuramente a infrequência não se torne uma evasão de fato, para isso, a escola poderá tomar medidas que ajudem na permanência das adolescentes gestantes ou em período Puerpério como enfatiza Souza et al (2018, p. 10):

Diante disso, cabe ao sistema escolar lidar com as heterogeneidades juvenis, adotando política educacional que oriente as jovens quanto às suas escolhas relativas à sexualidade, e, em conjunto com a família, estimular a permanência delas na escola e o seguimento dos planos de vida. Além disso, é preciso traçar estratégias voltadas às jovens evadidas, de modo a possibilitar o seu retorno ao ambiente escolar, oferecendo alternativas que englobem trabalho e/ou filhos.

CONSIDERAÇÕES PROVOCATIVAS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou analisar a gravidez precoce e os seus impactos na vida escolar das adolescentes mães, a reflexão de como a gravidez precoce é contextualizada dentro da sociedade, permitiu compreender que a gravidez faz parte de um problema muito mais amplo como as desigualdades sociais, sendo parte do problema e não o causador dele.

De um modo geral, as adolescentes apesar de estarem em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica, escolar dentro da pandemia, sendo adolescentes em sua maioria mãe solo, não desistiram da escola, entretanto vale ressaltar que apesar do momento presente não existir evasão escolar, esse quadro poderá mudar futuramente se não obtiver uma rede de apoio familiar e escolar e de apoio psicossocial para adolescente, não apenas como ajuda na criação dos filhos, mas apoio psicológico, de base escolar e garantia de direitos com base no ECA para que as mesmas permaneçam na escola e tenham condições de sair do status quo da invisibilidade social: pobreza, gravidez, abandono escolar e pobreza novamente.

Diante das falas das adolescentes fica evidente que os objetivos em demonstrar a invisibilidade que norteia a gravidez precoce se apresenta de diferentes formas como a falta de acesso as políticas públicas de forma efetiva, a falta de apoio psicológico que elas não tem, a educação sexual de maneira contextualizada que faz parte do cotidiano escolar sendo inexistente, e propriamente a educação de base, que as fizeram questionar se valeria a pena continuar estudando mesmo antes de estarem grávidas. Ficando claro que mesmo estado ainda matriculadas, o abandono escolar é um risco eminente que poderá ocorrer em algum momento.

A entrevista de forma semiestruturada possibilitou as adolescentes a reflexão sobre as suas vidas, de maneira a levantar questionamentos e entendimentos sobre o assunto gravidez que faz parte do cotidiano delas, mas que não tinha sido refletido por elas ainda, uma forma de entender que há uma dificuldade

social, porém existem outras opções de futuro que poderão ser seguidas juntamente com seus filhos, apesar de serem meninas mães, mulheres não se resumem apenas a geração de filhos.

Dada a importância do tema, torna-se necessário a reflexão sobre como o município de Marabá poderá trabalhar a questão da gravidez precoce, através de desenvolvimento de projetos de educação sexual de maneira contextualizada na escola por um profissional especializado no assunto, a escola por sua vez, sendo espaço de diálogo e parte da garantia de direitos, e com base no que foi percebido dentro das normativas que protegem os direitos das crianças e adolescentes, poderia contribuir com relação a essas situações notificando os serviços socioassistenciais do município como por exemplo o CRAS que irá trabalhar as questões de vulnerabilidade da família com o programa de convivência e fortalecimento de vínculos da família e entre outros e ao CREAS que irá trabalhar a questão da violação de direitos haja vista e levando em consideração o Código penal Brasileiro que descreve a situação da adolescente Jaqueline sendo vítima de um outro crime, e também podendo ser mais participativa nos painéis de debates sobre as leis para crianças e adolescentes do município.

Para finalizar, o estudo da gravidez precoce possibilita o entendimento aprofundado sobre o assunto, desmistificando a ideia do problema relacionado ao gênero, como também entender as dimensões do problema em sua totalidade e o motivo de estar atrelado ao abandono escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M. L. *et al.* Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S377-S388, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/6khBZqPXRp49jJxKLWrGJbJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975.** Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. DF: Presidência da República, 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm. Acesso em: 10 ago.2021

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. ano 1990, Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf. Acesso em: 15 set. 2021

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021

_____. **Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009.** Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm. Acesso em: 10 out. 2021

CERQUEIRA-SANTOS, Elder *et al.* Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/BqKFcS478sbjFTnK3CypB6P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021

DATASUS- SINASC: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da noite**. São Paulo, Editora Ática, 1992.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 6, n. 11, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4802>. Acesso em: 13 julho 2021

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual da criança e a pedagogia da infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. 2009. 260 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://1library.org/article/escola-burguesa-inst%C3%A2ncia-formativa-conformadora-disciplina-sexual-moderna.zlrm11gz>. Acesso em: 13 julho 2021

GOMES, Ana Maria. O Impacto da Gravidez na Escolaridade das Adolescentes. **Intermeio, R. Mestrado Ed.**, Campo Grande, v.4, n. 7, p. 1-87, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/issue/view/214/161>. Acesso em: 11 jun. 2020.

HEILBORN, Maria Luiza. “Gênero, Sexualidade e Saúde”. *In: Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/detalhes.asp?cod_dados=804. Acesso em: 10 set. 2021

HEILBORN, Maria Luiza et al. Gênero e carreiras sexuais e reprodutivas de jovens brasileiros. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 15, 2006, Caxambú. **Anais eletrônicos** [...] Belo Horizonte; Rio de Janeiro: ABES; IBGE, 2006. p. 1-21. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/35/showToc>. Acesso em: 10 set. 2021

HEILBORN, Maria Luiza. (2008). O mal-estar brasileiro não é responsabilidade das meninas pobres. Site do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – CLAM, <www.clam.org.br>, postado em 31.03.2008.

HEILBORN, Maria Luiza. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002. Acesso em 17 de julho de 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19074.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística-Sistema de Estatísticas Vitais> Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2679>.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Rev Bras Enferm.** [S. l.], p. 157-162, mar./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tdq9jV3qsnmwPmM75Z4ttwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021

Laville, Christian, Jean Dionne: **A Construção do saber: Manual de Metodologia da pesquisa em ciências Humanas/ Chistian Laville e Jean Dionne**; Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. ISBN978-85-7307-489-5

LIMA, Celian Tereza Batista *et al.* Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.** Recife, p. 71-83, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/hXJX6WbYzJTrqQp7Y7LZXMJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021

Luz, Anna Maria Recker, Castro, Marta L. Sisson de. Mães adolescentes na sociedade Riograndense: Saúde e Pressões Sociais. **Revista brasileira de enfermagem**. Rio de Janeiro. Vol. 48, n. 4 (out./dez. 1995), p. 379-400 [Acessado em 15 de novembro de 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/117945>

MIURA, Paula O.; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury; BARRIENTOS, Dora Mariela Salcedo. O sofrimento psíquico das mães adolescentes acolhidas institucionalmente. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 331-348, jun. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000200331&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 ago. 2019.

PELLOSO, Sandra Marisa *et al.* O vivenciar da gravidez na adolescência. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 24, n. 3, p. 775-781, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/2508/1677>. Acesso em: 24 ago. 2019

PONTES, Mariana Leme da Silva et al. A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 85-96, 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100008&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 24 ago. 2019

SOUSA, Carolina Rodrigues de Oliveira et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cad. Saúde Colet.**, 2018, Rio de Janeiro, 26 (2), p. 160-169, jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/kn8yrCMhL3XhfGk3HvCxLgg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 jul 2021

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Rev Bras Enferm.** Brasília, p. 279-85, maio. /jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/pkXVhsP6YcyBGW67mSytqP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul 2021

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

1- AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O seu (a) filho (a) _____
Está sendo convidado a participar da Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso TCC- **A RELAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE COM O ABANDONO ESCOLAR EM MARABÁ**, sob responsabilidade da discente ²⁰Bianca Coelho de Souza. O objetivo deste estudo é abordar a problemática da evasão escolar de alunas gestantes e se a escola tem contribuído direta ou indiretamente para que ocorra essa evasão.

Deste modo, esclarecemos que a escolha do seu filho(a) se deu em função de uma demanda existente no perímetro urbano onde a graduanda reside, sendo perfil para participar da entrevista por estar de acordo com os requisitos da pesquisa e após um levantamento na rede municipal de Marabá. Porém a pesquisa só será efetivada com seu consentimento e autorização já que envolverá perguntas sobre tal tema.

A participação do seu(a) filho(a) nesta pesquisa é totalmente voluntária. Você tem total liberdade para recusar que seu filho(a) participe da pesquisa proposta, e que, mesmo concordando e autorizando a

²⁰ Graduanda de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA.
Matrícula: 201640207005
Reside no endereço: Av. Itacaiúnas Quadra 115 Lote 06
Celular: (94) 98416-8417
Email: biancacoelho.ds@gmail.com

participação dele(a), poderá retirar seu consentimento a qualquer instante, sem que haja qualquer prejuízo para seu filho(a).

A participação do seu filho(a), se autorizada, consistirá em responder perguntas semiestruturadas para o levantamento da pesquisa. Esclarecemos que as gravações de áudio para registro de dados e todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo da Lei Federal Nº 13.709/2018 LGPD sobre pena de responsabilidade, sendo que serão utilizados nomes fictícios e/ou códigos para identificar os participantes e inclusive no tratamento de imagens durante a coleta de dados, caso haja necessidade como forma de preservar a identidade do participante durante a coleta de dados.

Fica assegurado pela pesquisadora que este termo, para ser assinado, virá antecedido de completo esclarecimento de todas as dúvidas e receios que possam se evidenciar a respeito da pesquisa e dos procedimentos de registro que serão realizados com seu filho(a). Você deve estar ciente que os resultados serão utilizados para a conclusão da pesquisa acima citada, sob orientação da Docente Dra. **Terezinha Cavalcante Feitosa**.

Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob forma de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC e serão divulgados para a banca examinadora e demais presentes, sendo disponibilizado depois como material de pesquisa na biblioteca da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA. Com a garantia de preservação do anonimato do seu filho(a) e demais participantes se houver.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta telefone e endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a participação, agora ou a qualquer momento.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
Portador(a) do CPF _____ e RG _____,
Autorizo a participação do meu filho(a) _____

_____ na pesquisa intitulada: **“A RELAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE COM O ABANDONO ESCOLAR EM MARABÁ”** Declaro estar ciente de que esta participação é voluntária, podendo a qualquer momento haver desistência se assim for do meu desejo e de meu filho(a). Fui informada que haverá sigilo sobre minha identidade e do meu filho(a) em toda e qualquer forma de publicação e apresentação dos dados desta pesquisa.

Esclareço que compreendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. Autorizo a gravação de áudio e/ou fotos previstos na pesquisa, descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado pela pesquisadora.

Marabá _____ de agosto de 2020

Assinatura dos Pais ou Responsáveis

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Disciplina: TCC 2

Docente Orientador: Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa

Discente: Bianca Coelho de Souza

Turma: Pedagogia 2016

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS**1. Identificação:**

1.1 Nome completo:

²¹Juliana

1.2 Endereço:

Faixa etária:

() 10 à 13 anos (X) 14 à 16 anos () 17 à 19 anos

1.3 Situação civil:

() Solteira (X) Relação estável () Casada () Divorciada

2. Escolarização:

²¹ Nome fictício para proteger a identidade da menor entrevistada

Estudante () Desistente

2.1 Escola em que estuda ou estudou:

Grau de instrução:

() Ensino fundamental incompleto (série);

() Ensino fundamental completo;

Ensino médio incompleto;

() Ensino médio completo;

3. Trabalho:

Tem alguma ocupação que gera renda?

sim () não

() Empregado sem registro () emprego com registro

Autônomo

() outros (rendimentos, aposentadoria, BPC, bolsa família etc.)

Faixa de renda:

() ½ SM (X) 1 SM () 2 a 3 SM () 4 à 5 SM () + de 5 SM

Você participa de algum programa ou serviços ofertados pela SEASPAC?

sim () não

Se sim, qual desses serviços?

Estou fazendo cursos no CREAS, curso do SENAI.

ROTEIRO DE PERGUNTAS

01. Com quantos anos você teve a primeira relação sexual?

02. () 10 à 13 anos (X) 14 à 16 anos () 17 à 19 anos

03. Você teve ou tem alguma orientação sobre sexualidade?

Sim () não

Tinha palestra pra conscientizar as pessoas sobre se prevenir mais era...não era sobre puberdade era... sobre as doenças que são transmitidas sexualmente e... sobre a gravidez também que ia atrapalhar muito no estudo né...mais eu também nunca prestei atenção rsrsrs (risos da entrevistada)

04. Você engravidou com quantos anos?

Eu engravidei com 14 anos, e tive meu filho com 15 anos

05. Sua relação foi com namorado ou casual? (0:44)

Não, minha relação eu estava namorando, mais só que escondido, minha mãe não sabia rsrsr(risos da entrevistada) ai eu fui e....eu namorei com o meu esposo que hoje eu estou agora com ele, era...namorei com ele seis meses, depois de seis meses ai eu mesmo me interessei e pedi não tem? ai eu era virgem ainda, ai eu fui e tirei minha virgindade, depois de seis meses de novo que eu tinha tirado minha virgindade, aí eu tava mantendo relação ai depois eu fui e engravidei e aí, eu...agora tou com ele.

Eu tava namorando com ele aí meu pai pediu pra ele ir embora que quando eu tivesse na idade de namorar ele voltava se ele quisesse, aí ele foi, mais só que ele sabia que eu estava grávida, aí minha menstruação estava atrasada já dois meses, aí eu tava mandando chamar ele, vim aqui na casa da mãe dele, aí eu já tinha feito dois testes de gravidez na farmácia, mais sem minha mãe saber né? Porque eu tinha medo né, porque quem é que não tem medo? Aí eu...minha sogra foi e ligou pra ele pra ele vim que eu tava grávida, aí ele falou que...aí ele foi e falou pra vó dele:

-vó eu vou voltar pra lá que...a menina que eu estava namorando com ela, tá grávida de mim e eu tenho que assumir meu filho.

Aí ele veio, aí depois quando ele veio no sábado, quando foi na segunda ele foi mais a mãe dele e a tia dele la em casa e falou pra mãe e pro pai, aí foi um abalo...um abalo na família.. tu é doido é? (expressão) ai.... dai pra frente foi só... lutando na gravidez.

06. O pai da criança é adulto ou adolescente?

Ele já é adulto, quando a gente namorava ele tinha 18 e agora ele tem 20 anos.

07. Ele soube da gravidez?

sim não

08. Como se sentiu quando descobriu que estava grávida? (2:05)

Ahhh eu me senti... sei lá...primeiramente eu fiquei em choque porque a minha... quando eu fui fazer o teste, no banheiro da escola, as minhas amigas tudo ficaram chorando com medo da reação do que a minha mãe ia fazer, e eu fiquei... elas ficaram impressionadas comigo, por que a minha reação foi nada. Eu não chorei não fiz nada, eu fiquei sei lá...mais eu já sabia, eu nem fiquei impressionada e nem...aí depois que...eu fui me acostumando, que a barriga foi crescendo e que minha mãe descobriu, na hora que a minha mãe descobriu parece que a barriga tava, tava escondida, junto comigo escondendo, quando a mãe descobriu parece que a barriga disparou pra crescer, cresceu rápido que... eu fiquei impressionada. Aí depois que eu fui me acostumando com a barriga, nossa! Na hora que mexia, é... cada mexida caia uma lágrima do olho. O pai dele também..o pai dele Deus me livre era o sonho dele ter um , e ele disse que desde quando ele me viu ele falou “não, é essa mulher que eu quero pra mim, e

eu vou casar com ela” aí eu fui... ai ele foi e falou “não, que o pai dela não quer então eu vou ter que fazer um filho nela, pra mim, pra nós ficar junto, porque desse jeito. Aí depois que eu descobri, que ele me falou, aí eu falei “menino, pois tu acredita que eu ia fazer isso também? Rrsr (risos da entrevistada) eu ia pedir porque... não eu...porque o pai dele... agente.. eu gostava dele desde quando eu fazia o quinto ano, aí ele estudava aí na escola, falou pra mim.. aí tem oito anos que eu gosto dele, oito anos... ai depois agora agente deu tudo certo, ai pronto, agora eu estou com o amor da minha vida, com os dois amor da minha vida.

09. Qual foi a reação da família? (1:31)

Ahhh a dele já reagiu assim...com alegria, porque a...avó dele ia ter um bisneto, primeiro bisneto dela, e... a minha vó também, só que a minha mãe não, minha mãe...a minha mãe ficou...meio que... ela ficou em choque, por ela, acho que ela tinha me batido, ela e meu pai, agora... a minha vó não, a minha avó falou pra ela que ela não tinha que fazer nada, que quando a vó descobriu também que ela estava grávida, a vó não fez nada com ela, não bateu nela, a vó não fez nada com ela. Ai a minha vó falou pra ela, não triscar nenhum dedo em mim não porque, do mesmo jeito que ela fez eu também fiz, eu errei ela também errou, agora a família dele não, a família dele...aí depois minha mãe foi se acostumando, agora o menino, ela não desgruda dele, é o amor da vida dela, a alegria da casa dela lá, porque só tem mulher, eu sou a filha mais velha dela, e a neta mais velha, a primeira neta da minha vó, aí... eu primeiro bisneto da minha vó e o primeiro neto da minha mãe. Aí depois que se acostumou foi só alegria na família depois na hora de... rapaz.

10. Qual foi a reação da escola (gestores) (8:28)

Minha mãe né que... no outro dia, foi na segunda feira que minha sogra foi lá falar, na terça feira, ela já foi na escola, pra falar...pra direção, que eu estava grávida, não sei o que e... todo mundo ficou nossa! A Juliana? Não é a Juliana não...que eu sempre fui uma menina muito quieta, mas... a pessoa engravidar, não significa que a menina é danada não gente, é porque... a pessoa não estava tendo relação? E é... eu tive relação e nunca que usei uma camisinha, nunca usei uma camisinha com meu esposo, eu... não eu engravidei mesmo porque ele quis, não tem?, ele que... mais eu nunca usei uma camisinha, nunca, nunca, nunca, usei um preservativo com ele, desde a primeira vez.

Aí ela foi na escola, dizer... aí todo mundo ficou impressionado, porque eu...eu sempre demonstrei ser aquela menina muito responsável, quieta né? Mais eu... eu que falava, eu que falei pro pessoal, cheguei da diretora, “mais só porque eu engravidei que eu era uma menina danada desse jeito não, eu engravidei foi porque eu quis “ falei pra elas, aí elas foram e...mais assim, eles sempre me deram apoio, e eu.. não podia, quando eu tinha consulta, eu... podia faltar na escola, só que eu tinha que levar o atestado, aí as diretora da escola, quando eu...precisava sempre ter nota boa né?

Mais mesmo eu não tendo nota boa, mais é.. obrigação né? É o direito da escola, passar a aluna quando ela tá grávida.

Aí eu estava muito... eu estava muito devagar, por causa das coisas que estavam acontecendo na... na minha casa, né, na minha família, eu... parece que os estudo foi...pra um canto e eu fiquei em outro e... eu só ia pra escola pra ficar sentada na cadeira, pra ver se eu pensava em alguma coisa mais eu não conseguia, que tava uma tribulação muito grande na minha família nesse tempo, tempo das provas, aí eu fui... quando eu voltei pra escola, parece que eu estava sentada num banco, conversando com as minhas amigas e... não era escola pra mim, aí deu, depois de um tempo, a mulher da escola que eu mais gostava, ela começou a me tratar mal, porque... eu falei pra ela, eu cheguei atrasada num dia na escola, porque meu bebezinho estava doente, aí eu fui e cheguei atrasada, na escola com ele, porque primeiro eu estava dando um remédio pra ele, o banho dele, aí eu fui pra escola, e era tempo de prova, aí ela foi e falou pra mim "se amanhã você chegar atrasada, você não vai fazer prova" aí eu falei assim: "nem me preocupo porque não tem só essa escola aqui pra mim estudar, tem outra escola, posso fazer o nono ano em outra escola, nem me preocupo se eu reprovar, e eu não vou reprovar, porque o direito de vocês é me passar, e eu demorei... eu já ia lhe dizer porque demorei, porque meu bebê está doente e eu tava dando remédio dele e o banho dele, por isso que eu cheguei atrasada" aí ela falou: "mais eu não quero saber" e eu disse: "sim eu não estou nem aí, aí eu sai e foi pra minha sala, fazer a minha prova, aí ela quis dizer com aquilo, que... porque eu tinha filho, eu não tinha o direito de nada.

Ah na escola depois que eu ganhei meu filho, pra... sei lá, passei a ser um ninguém, só no primeiro tempo, elas começaram a ser boazinhas, mais depois...parece que tudo me largou de mão não tem? Mais eu também nem ligava, tendo o meu filho e meu esposo, pra me dar atenção, tava nem me importando com o resto, nunca me importei. Pra te dizer, eu nunca me importei com a opinião de ninguém, pessoal dizia: "ah tu não tem vergonha não? De as pessoas vão falar, vão ficar te olhando?" falei assim: "pode olhar, pra mim ninguém está me olhando" eu nu...eu fui o tipo de pessoa que nunca me importei da pessoa me dizer... de eu falar alguma coisa e a pessoa da uma resposta e eu...eu nunca fui de ligar pra nada, pra nada, eu sempre fui na minha, eu nunca dei... meu marido, eu também nunca dei assim... eu nunca dei muito... ibope pra ninguém na escola.. as minhas amigas eram tudo rodeada de macho! E eu... no meu canto, uma vez eu botava meu fone de ouvido e ficava lá sozinha, eu sempre gostei de viver sozinha, e... é por isso que, mais eu... hoje em dia me acostumei por que eu estou casada mais eu gostava sempre de viver sozinha, chegava em casa ia para meu quarto, ficava lá sozinha, sempre...nunca gostei de ficar no meio de tanta gente assim, eu nunca dei ibope pra menino porque... meu marido sempre gostou de mim, ele falou que da primeira vez ele

prestou atenção porque, não era aquele meio mundo de macho correndo atrás de mim e essas coisas.

Aí eu sempre tive medo de me relacionar porque eu tive um... um... pode se dizer um... caso assim com um menino, mais assim não de ter relação, né, mais ele... ele sempre me botava pra baixo, e eu sempre assim não... aí eu fiquei, botei no meu pensamento assim, de eu sempre assim, não vou mais arrumar ninguém, porque, eu tinha medo de me relacionar e engravidar e a pessoa sumir, e eu ficar largada, dentro da casa da minha mãe e cuidando do meu filho eu trabalhando e minha mãe cuidando do meu filho, nunca... eu sempre tive esse pensamento. Aí eu também quando eu descobri que estava grávida, eu fiquei assim no meu pensamento será que ele vai voltar? Eu.. eu acho pra mim sei lá eu... aí eu fiquei pensando, pensando, será se a pessoa vai voltar, pra cuidar de mim? Aí eu me alegrei muito depois que vim pra minha casa, que eu vi, ah hoje em dia ele está labutando aí, só pra me dar do bom e do melhor pra mim e pro meu filho, aí eu fui e tirei esse pensamento, porque essa pessoa que eu tive um caso com ele, ele me botou pra baixo, ele sempre, toda semana, ele tava comigo, quando saia ele já tava com outra, já.. tipo ele já tava me traindo né, aí ele sempre chegava em mim, me falava coisa veia feia, ele me chamava pra casa dele, ele queria me forçar a eu tirar minha virgindade com ele, aí disso eu já tive medo né? Ai e né meu esposo, quando eu vim namorar meu esposo, ele me perguntou se eu era virgem e eu disse que era, aí eu fiquei com medo, daí ele falou “ah tá” só isso, e depois nunca me perguntou se eu tinha vontade de tirar, nunca, nunca, foi por isso que eu me senti mais confiável com ele , porque ele não... porque o homem, o homem bom mesmo ele, é aquele que não força a pessoa, se a pessoa é, ele não força a pessoa a tirar com ele, tem que ser no tempo da pessoa, né, foi meu tempo e eu... foi por isso que eu gostei dele, porque foi no meu tempo, não foi no...aí eu fiquei, por isso, porque eu mais fiquei com a cabeça meio que bagunçada, por causa do meu namorado (ex), aí até um tempo atrás, ele estava ia na escola atrás de mim, vinha atrás de mim e meu esposo, meu esposo até tava...eu fiquei, ficava com mais medo de dar confusão, porque meu esposo ele.. ele é muito, ele demonstra o ciúme dele, não é ciúme é proteção, com o que é dele né? Aí ele falou que da próxima vez que ele viesse na escola, não ia dar coisa boa não. Aí eu fico mais com medo por causa disso.

11. Qual foi a reação de sua turma especificamente? (1:45)

Ah as meninas foram muito carinhosas comigo, elas assim tipo parece assim... ter um cuidado comigo não tem? Assim...elas ah não a Jainely não pode fazer isso não por que ela tá grávida, ah não vamo pegar lanche pra Jainey porque deixa ela levantar não, ela tá grávida, entra na fila, bora pegar um lanche pra Jainely. Era sempre assim, eu fiquei impressionada, até as meninas que não gostam, que não gostavam na verdade, não era não gostavam é porque antigamente eu era colega delas, aí sempre tem

aquele negócio de falsidade, aí tu sabe né, aí eu fui e me afastei um pouco, aí eu.. é porque eu sempre tive esse negócio de... essas decepções de amizade, da pessoa ser carne unha minha e depois me trair, não tem? Aí eu... eu também largava de mão, aí eu srsrsr(risos da entrevistada) depois que eu engravidei, Deus me livre, parece que eu fui a atenção da sala, depois que o bebê nasceu aí mesmo que piorou a atenção. As meninas deixavam de prestar atenção na aula, pra poder ir olhar o neném, e professor até brigava, tinha um professora lá que não gostava de mim, aí na hora que as meninas ia olhar o bebê, aí ela brigava, aí as meninas tudo dava mau resposta na professora, daí desde sempre elas foram muito carinhosas comigo, e elas não podem me ver na rua que elas saem gritando pra ver meu neném, e tudo é apaixonada pelo cabelo dele.

12. Você se sentiu acolhida ou rejeitada pela escola depois da revelação da gravidez? Fale um pouco disso. (1:59)

Foi um pouco bom, foi bem acolhido mais... passando de um tempo, parece que eu... pra mim, eu tinha feito alguma coisa bem errada, que eu merecia ser punida, aí...agora os professores não, os professores sempre me perguntavam se eu estava precisando de alguma coisa, o meu bebê se estava precisando de fralda, ou eles levavam fralda, levava presente pra eles, levava roupa, levava tudo, agora mesmo na escola, no meu curso que estou fazendo, meu professor vai levar um...vai comprar um brinquedo pra ele, a onde eu passo eles me dão... toda pessoa que gostam de mim me dão coisas pra me dar pra ele, a turma da escola mesmo, as meninas se juntaram, fizeram um chá de bebê, e... eu ganhei bastante fralda e... hoje, elas assim, mais agora teve só uma pessoa da escola mesmo que foi essa mulher lá da escola que ela é vice diretora que eu... ela ficou nessa ignorância, porque parece que... ela subindo de cargo, parece que subiu a cabeça dela não tem? Eu falei...eu até comentei com ela que... não era só porque ela era vice-diretora que ela não tinha o direito de pisar em todo mundo não, ela falou que da próxima vez que eu a insultasse, ela ia me tirar da escola, eu falei assim que podia tirar porque não tinha só essa escola, aqui no bairro, ali tinha uma mais lá em cima e eu podia simplesmente estudar lá. E eu falei pra ela que nada que ela falasse pra mim iria me atingir, foi só isso, depois disso então, ela nunca mais falou comigo e pronto me deixou de mão, só precisava de uma lição de moral.

13. Você conseguia acompanhar as aulas de maneira proveitosa ou você sentia dificuldades? se sim, quais foram as dificuldades? (3:13)

Eu conseguia, mais ao mesmo tempo parece que depois que eu engravidei, parece que tudo sumia da minha cabeça, eu ficava mais no pensamento do meu bebê, mais era o cuidado era dele, eu ficava meio que...perdida na matéria, parece que eu fiquei pode se dizer burra, vamos se dizer logo assim, sei lá eu me perdi toda nas matérias, eu ganhava sempre notas baixas, aí eu...depois que eu... que o meu filho que eu...comecei a estudar de novo, aí eu fui melhorando mais um pouco, botei na minha cabeça que

a minha expectativa não era mais eu, mais sim ele, porque eu, eu terminando meus estudos, eu fazendo a minha faculdade eu tendo um emprego, eu tenho dinheiro de botar ele em uma faculdade e na escola boa né, meu pensamento, agora sempre.. agora é esse que antigamente quando eu estava grávida, que eu ganhei ele eu sempre pensei em desistir, quando eu falava com meus esposo, “eu não vou mais pra escola não” ele “tu vai” eu meu Deus do céu não vou pra escola, mais aí ele falou, mais tu vai, aí ele foi me dando, foi conversando comigo, falando que o nosso objetivo agora, era ele o neném o foco é o neném, não era mais nosso, porque quando a gente não tá grávida, a gente estuda pra gente né, o foco é a gente aí a gente tem um estudo bom, tem uma casa boa pra gente, ter o serviço, ter roupa boa que a gente quiser, não, e agora o foco é ele, eu estudar pra ele, não estudar mais pra mim, o melhor pra ele agora, é pra gente também, quando tem, mais o principal é ele, a minha motivação agora de estudar é ele, eu penso todo dia antes de ir para aquele curso no sol quente, com dor de cabeça, eu penso, penso, se eu não for... mais depois vem uma coisa na minha cabeça e diz vai, porque não é pra ti, é pra ele, aí eu tenho que ir, e enfrento o sol quente por causa dele, se fosse por mim, se fosse por ele, ligeirinho eu desistia, se o foco não fosse ele, mais é assim... todo mundo diz que gravidez vem e atrapalha tudo, pois pra mim a gravidez vem pra motivar a gente mais ainda, porque antigamente eu antes de ter ele, antes de namorar o meu esposo, eu pensava assim, moço eu vou é desistir de escola, negócio de escola, ficava muito na minha cabeça isso, na escola, igual minha mãe disse, a gente vai pra escola não pra fazer amizade, mais pra estudar, aí eu ficava pensando, eu vou desistir da escola, não vou mais estudar não eu... ficava na minha casa, mais era pensando isso, depois que eu engravidei dele, minha motivação agora só é ele, agora eu tenho... as minhas forças agora é dele, agora eu tenho mais vontade de estudar por causa dele, por mim eu não estudava não, por ele eu vou estudar.

14. Você recebeu alguma orientação da escola em relação ao cronograma diferenciado de aulas para você?

Não recebi nenhuma orientação, só me ajudaram no começo.

15. Você poderia pontuar quais motivos a fizeram desistir de estudar durante o período da gravidez?

A entrevistada está fora da escola, por motivo de suspensão das aulas por causa do covid-19. A entrevistada pretende voltar a estudar através do CEEJA, de acordo com ela, não quer ficar mais um ano atrasada.

1. Acompanhamento da gestação:

Plano de saúde () SUS (consultas) (X) Particular (exames e ultrassom do bebê) (X) Não houve ()

2. Caso tenha feito pré-natal anotar o nome a Unidade Básica de Saúde:

UBS Jaime pinto.

3. Fale um pouco sobre as mudanças que ocorreu na sua vida depois do nascimento da criança? (6:04)

Teve um bocado que eu... assim, eu não tenho mais, igual a minha mãe falou, a gente só vê quem é amigo, quando a gente tá na pior, aí eu não tenho pra te dizer aquele tanto de menina que ficava perto de mim, que ficava comigo, dizer ah eu sou tua amiga, sou isso, sou aquilo, nenhuma mais, nenhuma, não tenho mais nenhuma, tudinho seguiram seu rumo, tem suas amigas agora, tem uma que está fazendo curso comigo que ela diz que é minha amiga, mais eu não considero mais não, só colega mesmo de curso, por que assim ela é o tipo de pessoa que... porque ela se misturou com as meninas lá, porque as meninas tem celular e tem o facebook pra ela mexer, eu não tenho celular, então... eu não sou ninguém não sou nada pra ela entendeu? Mais eu nem ligo, porque eu não preciso mais de ninguém pra me contar meus segredos, porque eu não tenho mais segredos, meu segredos agora, qualquer coisa que eu sinto, quando eu tiver angustiada, tem meu marido pra conversar, porque ele me entende, eu não preciso mais delas, na verdade eu nunca precisei, eu que fiquei com esse negócio na minha cabeça de que eu precisava de alguém, pra conversar alguma coisa, mais eu nunca precisei porque eu sempre, eu sempre consegui me desabafar sozinha, eu conversava sozinha, eu chorava sozinha quando precisava porque eu não tinha nenhuma, porque eu pensava que elas eram minhas amigas, mais eu nunca prestei atenção, quando elas estavam perto de mim, um ombro pra me chorar, eu sempre chorava sozinha, aí hoje em dia elas dizem que eu mudei, sou outro tipo, sou outra pessoa, não gosto mais de bagunça, de coisa, mais é porque eu mudei, agora que pra mim eu sinto pode se dizer uma mulher mesmo, não sou mais uma menina, aí, depois que eu tive meu filho, eu me senti assim tipo mais responsabilidade pra mim, e eu me senti assim, ah eu não sou mais aquela menina de antes, na minha mente de ficar naquela... naquele monte de bagunça, com um bocado de menina, é... gritando no meio da rua, brincando na folia, não, pra mim agora é minha responsabilidade, tenho roupa pra lavar, tenho comida pra fazer, tenho casa pra limpar, tenho meu filho pra cuidar, tem meu esposo pra lavar as roupas dele sujas do serviço, agora eu tenho tudo, não tenho tempo mais pra nada, é vou te dizer que pra mim tempo eu não tenho, de vez em quando, quando eu tenho um tempinho eu vou lá me arrumo, passo uma chapinha no cabelo, faz uma maquiagem, assim agora porque eu tava me deixando desgastar por causa das coisas de dentro de casa, mais meu esposo falou "meu amor, a casa aqui é tão pequena que da pra tu fazer as coisas de manhã, dar pra tu cuidar do neném, dar pra tu fazer a comida, porque toda vez que ele chega do serviço, ele.. a comida está pronta, aí ele... que antigamente, na casa da minha mãe, eu era, assim a mãe falava, vai lavar uma louça do almoço, e eu só lavava de noite, aqui em casa eu queria fazer desse jeito, aí já com o meu esposo não dia dar certo, porque ele não gosta de

sujeira, não gosta, ele odeia bagunça, e... coisa suja assim, ele odeia, se ele chegasse, se ele chegar e a casa está desse jeito aqui pra ele ainda não tá bom, porque está bagunçado ele, também está bagunçado, o fogão está sujo.

Mais assim eu... pra... eu acho que está certo né porque ele foi criado assim, toda vez quando eu namorava com ele, quando eu chegava aqui, ele estava lavando roupa, todo dia ele estava lavando a casa da mãe dele, todo dia ele limpava aqui esse terreiro, quando ele tinha tempo, se tu viesse aqui, não estava sujo do jeito com esse monte de folha não, porque ele limpava tudo, ele jogava tudo alí pra fora, aí depois eu fui aprendendo, ele disse que pelo menos, ele gostava que pelo menos a comida dele estava pronta, mais.. ele queria que eu aprendesse a ser zelosa das coisas, aí eu aprendi, agora, deixo minha casa limpa, quando ele chega está tudo limpo, aí eu sinto que quando ele chega tem esse sorriso de felicidade, antigamente assim era mais discussão, e aí a culpa era minha mesmo, porque eu queria fazer aqui em casa do mesmo jeito que eu fazia na casa da mãe, aí na casa da mãe, a mãe falava pra me fazer aí eu ia fazer depois, depois de muito tempo, aí pra mim eu mudei nessa parte também que eu comecei a ser mais zelosa com as minhas coisas, porque, é meu, se eu não cuidar quem é que vai cuidar? Na casa da minha mãe, era da minha mãe se eu não cuidasse ela ia cuidar, que ela não ia deixar as coisas dela suja, agora me ponho no lugar dela, de ver as coisas sujas e querer limpar. Se eu te disser que eu acordar de manhã e ver a casa suja, bagunçada com um monte de coisa na casa eu fico agoniadinha chega me estresso, antigamente eu não estava nem aí, se não fosse na minha casa eu não estava nem aí, agora não, aí nesse ponto agora eu também mudei, mudei também por causa que amizade não tenho nenhuma mais, tenho meu amigo que é minha mãe e meu esposo, só, que é pra eles que eu conto as minhas coisas, quando eu estou sentindo alguma coisa eu conto é pra eles, ai assim desse jeito, eu estou levando a vida.

4. Você pretende voltar a estudar? (0:52)

Pretendo, quando voltar as aulas, eu vou ver se faço EJA, porque eu não quero ficar atrasada, que eu quero terminar o estudo bem certinho e aí, meu esposo é que não deixa, ele disse que é pra me fazer meu estudo certinho, série por série, mais se o... primeiro ano eu vou ficar atrasada, porque não tá sem aula né, e vai ficar atrasada, mais não sei se eles fizerem alguma coisa pra gente passar, ai eu.. talvez ano que vem eu continue, no na escola mesmo normal, na escolaridade normal, se não eu passo pro EJA, no CEEJA pra me terminar, logo, ai eu já pago uma faculdade aí já passo, aí daí a vida vai correndo pra frente, mais eu vou continuar estudando sim.

Sim (X) Não ()

EDUCAÇÃO SEXUAL

1. O que você entende sobre orientação e educação sexual? (0:28)

Eu não sei nenhum, não sei nada!

2. Na escola que você estuda ou estudou teve/tem orientação sobre sexualidade? (2:05)

Quando eu sai de lá, quando antes de eu sair de lá, o pessoal, quando eu estava grávida, eles levaram o pessoal da saúde pra poder dá uma palestra sobre sexualidade, aí a mulher estava explicando lá uma coisa de como essas meninas que tem caso com um e outro, aí, aí o rapaz vai lá na hora de fazer e disse que não vai botar camisinha porque não sente prazer, mais a mulher disse que é mentira porque o... a camisinha é feita com a... o tecido bem fino, que não atrapalha em nada, então, no caso, ou as vezes dele ter uma doença, que ele queira passar, ou por severgonhice mesmo, aí eles sempre faziam essas palestras lá na escola, e davam, eles davam era... bastante como é, ensinamento sobre pra se prevenir contra as doenças né, igual eu te falei, e a gravidez também, dizendo eles que é o principal, é o principal risco rrsr (risos da entrevistada) aí eles sempre diziam que o principal risco, mais eu falei "e se a gente engravidar a criança não vai sair e depois a pessoa melhora, e a doença a pessoa pegar uma doença que não tem cura, então a doença não deveria ser o principal?" aí dai eles já não souberam responder mais, aí igual eu falei pra eles, a gravidez não deveria ser o risco principal na... na.

3. Na sua família você recebe alguma orientação sobre sexualidade? Métodos preventivos por exemplo! (2:19)

Sim, a minha vó, a minha vó e a minha mãe, me dizem os remédios certos não tem pra mim tomar, que elas já tomaram pra poder se prevenir porque pra mim não ter outro, um em cima do outro né, uma criança em cima da outra, mais querer eu quero ter um, um...mais pra frente, quando eu tiver já, quando esse aqui tiver mais grande, que poder me ajudar, e quando eu também estiver estável, na minha casa mesmo porque aqui não é meu aqui é da avó do meu marido, agente mora aqui de favor, mais quando eu tiver minha casa mesmo, que eu tiver um quatinho pra dar pra ele e pro outro aí sim eu vou ter outro. Ai por isso que minha vó sempre me diz o remédio certo, diz pra mim usar preservativo, mais eu falo pra ela que preservativo eu não posso usar porque eu tenho alergia, mais eu compro remédio, eu tomo remédio, mais eu vou parar de tomar remédio agora, eu vou tomar uma vacina (injeção anticoncepcional), que a minha mãe, falou que é melhor tomar a vacina, do que ficar tomando muito comprimido, comprimido faz até mau pra saúde né, e a amiga da minha mãe toma remédio, ela tomou comprimido cinco anos, ela teve que fazer uma raspagem no útero, pra poder tirar tanta massa de comprimido que ela tinha tomado pra poder ter um filho, aí por isso que eu tenho medo de tomar remédio e vou tomar vacina agora, aí sempre eu vou me prevenir

pra mim não ter outro, porque esse eu tive porque eu quis e outro, se eu tiver vai ser por causa de cuidado se eu for ter outro, falando nisso eu até, um tempo, mês retrasado, eu tava... faz dois meses que eu perdi, que eu estava grávida aí eu perdi, não sei porque? Mais acho que minha mãe disse que deveria ser porque não era pra ser, aí eu...talvez era só pra eu me cuidar mais, que veio só pra me dar um susto pra eu me cuidar mais, mais eu...outro agorinha eu não quero não, mais depois outro eu vou querer, mais assim eu sempre me previno, tomando remédio ou então vacina, porque só esse aí já me da tanto trabalho, tu já tá vendo aí né, trabalho que da ele aí.

4. Antes da gravidez você já havia ido ao Ginecologista? (3:31)

() sim (X) não

Não, não tinha ido, minha mãe estava pensando em me levar, antes de eu engravidar ela estava pensando em me levar, aí ela estava pensando em me levar, e ai desse tempo eu já tinha tirado minha virgindade, e eu com medo dela descobrir aí ela querendo me levar, aí eu falei hummm... eu mais minha irmã sempre falando pra ela “mais porque a senhora que levar a gente no ginecologista? Só pro homem véi ficar olhando pro nosso bicho” aí rsrsrs(risos da entrevistada) aí ela falou, mais tem mulher também que é ginecologista, mais eu falei não eu não quero ir, ai ela foi e até esqueceu, ai ela... depois que eu tive o neném, ela até tinha dito pra mim ir no ginecologista porque a mulher.. como eu era muito nova e meu corpo não sustentava o peso dele, que conseguia sustentar malmente o meu, que sempre desde pequena eu era muito adoentada, aí a mãe falou que era pra mim ir, que depois que eu tive ele, fiquei com a bexiga baixa, aí ele... teve que fazer porque eu... porque parece que eu fiquei com problema no útero que... qualquer coisa não posso segurar o xixi, que se eu não for no banheiro eu faço xixi na roupa, porque a minha bexiga desceu muito porque ele era muito pesado para o meu corpo, e o meu corpo estava em um estrutura de sustentar só eu, não estava preparada ainda meu útero pra ter um filho né? Aí até agora, eu tenho que ir no ginecologista porque, eu sinto... depois que eu perdi a criança, eu sinto como se uma coisa ficasse mexendo aqui dentro e eu tenho medo de ser cisto, porque na minha família tem bastante cisto e mioma. A minha vó teve, ela estava grávida, ela teve... ela estava grávida de trigêmeos, aí tinha um mioma na barriga dela e... das duas crianças dela que morreram e ficou só um vivo, aí por isso que eu tenho medo mais nessa parte não tem? Porque tem vez que a minha menstruação ela vem no dia... ela no mês vem no dia, no outro ela já vem no outro dia, tem mês que ela passa muito tempo vindo, tem tempo que ela passa pouco tempo vindo, e antigamente antes de eu engravidar, minha menstruação só vinha só duas vezes.

O remédio que eu tomo foi o farmacêutico, foi o homem da farmácia, é a minha mãe também estava falando que eu deveria passar pelo ginecologista, aí eu... estou esperando dar um tempo porque curso... no meu curso eu não estou tendo tempo de... porque de manhã a hora passa muito rápido é muito corrido, e de tarde no curso, eu passo a tarde sozinha sentada em uma cadeira que Deus deu, é cansativo aí eu vou ver se eu tiver um tempinho eu tenho que ir, pelo menos fazer um particular, agora nessa pandemia, o público não está tendo parece , o ginecologista não está na área dele não, mais eu vou ver porque não posso ficar com problema de saúde, ai passar muito tempo e depois passar a agravar mais né?.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Disciplina: TCC 2

Docente Orientador: Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa

Discente: Bianca Coelho de Souza

Turma: Pedagogia 2016

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

1. Identificação:

1.4 Nome completo:

Jaqueline²²

1.5 Endereço:

Faixa etária:

10 à 13 anos 14 à 16 anos 17 à 19 anos

1.6 Situação civil:

Solteira Relação estável Casada Divorciada

2. Escolarização:

Estudante Desistente

2.1 Escola em que estuda ou estudou:

²² Nome fictício para proteger a identidade da menor entrevistada.

Grau de instrução:

Ensino fundamental incompleto (série);

Ensino fundamental completo;

Ensino médio incompleto;

Ensino médio completo;

3. Trabalho:

Tem alguma ocupação que gera renda?

sim não

Empregado sem registro emprego com registro

Autônomo

outros (rendimentos, aposentadoria, BPC, bolsa família etc.)

Faixa de renda:

½ SM 1 SM 2 a 3 SM 4 à 5 SM + de 5 SM

Você participa de algum programa ou serviços ofertados pela SEASPAC?

sim não

Se sim, qual desses serviços?

Atendida pelo CREAS por se tratar de Estrupo de Vulnerável.

ROTEIRO DE PERGUNTAS

16. Com quantos anos você teve a primeira relação sexual?

10 à 13 anos 14 à 16 anos 17 à 19 anos

17. Você teve ou tem alguma orientação sobre sexualidade?

Sim não

18. Você engravidou com quantos anos?

Eu engravidei com 12 anos.

19. Sua relação foi com namorado ou casual?

Namorado.

20. O pai da criança é adulto ou adolescente?

O pai é adulto.

21. Ele soube da gravidez?

sim não

22. Como se sentiu quando descobriu que estava grávida?

Eu sentia muito enjoo muita anemia, eu acordava tarde, a mãe que de vez em quando me acordava cedo, eu ia no posto só quando era para a consulta, comia bastante, e só.

23. Qual foi a reação da família?

Eu não sabia, meu pai que dizia que eu estava grávida, aí sempre tava... dizia que eu estava grávida, mas eu não acreditava sempre dizia que era mentira, aí minha mãe marcou um dia pra fazer uma consulta, pra saber se eu estava grávida mesmo, aí deu que eu estava grávida, mais sempre foi meu pai que disse que eu estava grávida.

(Pergunto como eles reagiram ao saber da gravidez)

Normal, assim um pouco, já que eu sou criança ainda né? Mais passou né? A minha mãe ficou muito chocada.

Mas estão me apoiando em tudo, leite massa, meu pai compra dá um jeito, tão me apoiando mais só quem me apoia é a família da minha mãe, parte do pai não, meu pai não aceita, entendeu? Mais é meu pai que compra tudo, mingau, leite, ele dá o jeito dele e vai comprar o leite do menino.

(Pergunto mais especificamente sobre a família paterna não está ajudando e ela me responde que é a família do pai do bebê que não ajuda):

Não a família da minha mãe toda tá, agora do pai do bebê que não tem entendeu?

24. Qual foi a reação da escola (gestores)

A diretoria da escola, me deram um enxoval do bebê, me apoiaram me deram bacia, me apoiaram bastante, me ajudaram.

25. Qual foi a reação de sua turma especificamente?

Eu percebi, que alguns alunos em olhavam com a cara tipo, meu Deus essa menina com 13 anos está grávida! Houve um pouco de preconceito das pessoas, passava me olhando, falavam de mim mais eu não prestava atenção pra isso.

26. Você se sentiu acolhida ou rejeitada pela escola depois da revelação da gravidez? Fale um pouco disso.

Um pouco rejeitada porque o povo falava demais e não disfarçava, ficava olhando pra mim, falava de mim, é chato né, eu me sentia assim, meia... como é o nome meu Deus do céu? Vê assim nova demais, fiz besteira (risos).

27. Você conseguia acompanhar as aulas de maneira proveitosa ou você sentia dificuldades? se sim, quais foram as dificuldades?

Não, não senti dificuldade de nada não, lá na escola nunca senti nada assim, só um dia que eu senti dor de cabeça e vim pra casa.

28. Você recebeu alguma orientação da escola em relação ao cronograma diferenciado de aulas para você?

Não.

29. Você poderia pontuar quais motivos a fizeram desistir de estudar durante o período da gravidez? Pergunto quais motivos a fizeram continuar estudando: os motivos foi pra mim, conseguir um trabalho, pra sustentar meu filho, da tudo do bom e do melhor pra ele, não desistir por causa dele, e também porque eu nunca tive assim essa vontade de desistir de estudar, sempre foi normal pra mim, foi por isso que eu não deixei os estudos.

5. acompanhamento da gestação:

Plano de saúde () SUS (X) Particular () Não houve ()

6. Caso tenha feito pré-natal anotar o nome a Unidade Básica de Saúde:
UBS Santa Rosa

7. Fale um pouco sobre as mudanças que ocorreu na sua vida depois do nascimento da criança?

8. Por um tempo foi bom, bom é que eu ia ter um filho, o ruim é que eu pensava que eu não ia poder fazer mais nada, porque eu ia ter um filho, ai acabar tudo pra mim, mais não, fez foi mais uma alegria pra mim não tem? E eu não me arrependo, no começo eu pensei, fiquei com medo que não ia dar certo, que serviço, e, área de serviço, não ia dar certo por causa da criança, mais não.

9. Você pretende voltar a estudar?

Sim (X) Não ()

Sim eu vou voltar a estudar, quero faculdade, ensino médio, quero ensino médio, depois faculdade, mais eu vou conseguir em nome de Jesus.

EDUCAÇÃO SEXUAL

5. O que você entende sobre orientação e educação sexual?

Não sei (risos)

6. Na escola que você estuda ou estudou teve/tem orientação sobre sexualidade?

Não me deram educação sexual, não teve nenhuma aula dessa.

7. Na sua família você recebe alguma orientação sobre sexualidade? Métodos preventivos por exemplo!

Me avisavam meu padrasto, pra ter segurança, usar camisinha, tomar remédio, mais eu não segui os conselhos direito (risos).

8. Antes da gravidez você já havia ido ao Ginecologista?

() sim (X) não

Não, nunca fui a um ginecologista.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Disciplina: TCC 2

Docente Orientador: Dra. Terezinha Cavalcante Feitosa

Discente: Bianca Coelho de Souza

Turma: Pedagogia 2016

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

1. Identificação:

1.7 Nome completo:

²³Verônica

1.8 Endereço:

Faixa etária:

10 à 13 anos 14 à 16 anos 17 à 19 anos

1.9 Situação civil:

Solteira Relação estável Casada Divorciada

2. Escolarização:

Estudante Desistente

²³ Nome fictício criado para proteger a identidade da menor entrevistada.

2.1 Escola em que estuda ou estudou:

Grau de instrução:

 Ensino fundamental incompleto (série); Ensino fundamental completo; Ensino médio incompleto; Ensino médio completo;**3. Trabalho:****Tem alguma ocupação que gera renda?** sim não Empregado sem registro emprego com registro Autônomo outros (rendimentos, aposentadoria, BPC, bolsa família etc.)

Faixa de renda:

 ½ SM 1 SM 2 a 3 SM 4 à 5 SM + de 5 SM

Você participa de algum programa ou serviços ofertados pela SEASPAC?

 sim não

Se sim, qual desses serviços?

Participa de atividades e acompanhamento no CREAS.

ROTEIRO DE PERGUNTAS**30. Com quantos anos você teve a primeira relação sexual?**

Eu tive a minha primeira relação sexual com 13 anos. Aí engravidei com 13 e completei 14 em Setembro.

 10 à 13 anos 14 à 16 anos 17 à 19 anos**31. Você teve ou tem alguma orientação sobre sexualidade?** Sim não

Tive sim no fundamental ainda e algumas instruções dos meus pais e até na igreja onde tinha cursos para meninas.

32. Você engravidou com quantos anos?

13 anos

33. Sua relação foi com namorado ou casual?

Foi casual de uma noite, por momento.

34. O pai da criança é adulto ou adolescente?

Ele é adolescente, quando eu conheci ele tinha 15 anos.

35. Ele soube da gravidez?

() sim (X) não

Na verdade, não porque eu não sei quem é, porque foi só uma coisa de momento em uma festa, tentei descobrir mais não achei, também não quis saber não me aprofundar no assunto.

36. Como se sentiu quando descobriu que estava grávida?

Na verdade eu não aceitei bem porque era adolescente, pra mim isso foi inesperável até para os meus pais e pra mim, porque eu não sabia, eu pensava que eu não estava e quando eu descobri eu fiquei chocada, eu queria até ter abortado, mais aí não, não sei o que deu... eu aceitei e fui pra frente, eu sabia que eu ia... como posso dizer, ser julgada por muitas pessoas e tals mas, tinha que ir pra frente a criança não tinha culpa de nada, então... eu segui na minha vida e foi isso.

37. Qual foi a reação da família?

Minha mãe, ela ficou... na verdade eu não soube a emoção da minha mãe, porque ela me apoiou ela me deu, meu... o maior apoio que já tive na minha vida, o meu pai ele ficou surpreso mas também ficou chateado, ele não esperava isso de mim, ele passou uns três dias sem falar comigo, mas depois começou a me ajudar. Os meus irmãos eles também não esperavam, mais depois de alguns tempos eles começaram a me ajudar, eles aceitaram.

38. Qual foi a reação da escola (gestores)

na verdade eu comecei a estudar eu estava com cinco meses, não apareceu barriga, também a gente não contou né, ai chegou a pandemia, aí ficou sem ninguém saber a verdade, parei de ir pra escola então não teve conversa e reações na escola, pois eles não sabiam sobre a minha gravidez.

39. Qual foi a reação de sua turma especificamente? (Reformulei a pergunta para: se você estivesse na escola, em sala de aula qual a reação da turma você acha que teria em relação a você?)

Eu acho que eles iam ficar surpresos, e... talvez me julgar eles me julgariam porque tinha muita cara pra fazer isso, mas acho que eles não ficariam do meu lado, não ficaria por causa que pra eles eu sou a errada eu sou... vamos dizer... "a puta" que deu e engravidou, então eles não me apoiariam.

40. Você se sentiu acolhida ou rejeitada pela escola depois da revelação da gravidez? Fale um pouco disso! (Reformulei a

pergunta para: por que você não contou sobre a sua gravidez na escola?)

Porque eu tinha medo, medo... das pessoas falarem, das pessoas julgarem, porque as pessoas o que mais fazem na escola é julgar, então, se eu contasse ia ser a maior fofoca da escola vamos dizer. Então eu deixei quieto, e chegou à pandemia, e me deu um espaço de ninguém ficar sabendo lá pra parte da escola.

41. Você conseguia acompanhar as aulas de maneira proveitosa ou você sentia dificuldades? se sim, quais foram as dificuldades?

Na verdade, não tive dificuldade na... quando eu estava grávida na escola, mas era só o remédio que eu tomava e me dava vontade de vomitar, eu tomava um remédio e passava, então eu chegava em casa, almoçava, então não me deu dificuldade não quando eu estava grávida.

42. Você recebeu alguma orientação da escola em relação ao cronograma diferenciado de aulas para você?

(Não houve resposta por conta da resposta número 10)

43. Você poderia pontuar quais motivos a fizeram desistir de estudar durante o período da gravidez?

Não desistiu de estudar.

1. Acompanhamento da gestação:

Plano de saúde () SUS (X) Particular () Não houve ()

2. Caso tenha feito pré-natal anotar o nome a Unidade Básica de Saúde:
UBS Santa Rosa.

3. Fale um pouco sobre as mudanças que ocorreu na sua vida depois do nascimento da criança?

Teve muita mudança, por tanto fisicamente como mentalmente né? Mentalmente eu tive que me preparar, na verdade eu tive que encarar isso, e... bola pra frente, meu filho, graças a Deus ele não me da muito trabalho, tive que aprender a trocar fralda, banhar, vestir, coisa que eu não sabia. Então, eu tive que aceitar e cuidar do meu filho, teve uma dificuldade porque eu tenho ainda aula que é, pegando as atividades, que eu tenho que deixar ele dormindo pra fazer as minhas atividades e é isso.

4. Você pretende voltar a estudar?

Sim (X) Não ()

Pretendo sim, quando voltar tudo ao normal eu pretendo ainda me formar, e dar uma vida boa para o meu filho na verdade.

EDUCAÇÃO SEXUAL

9. O que você entende sobre orientação e educação sexual?

Pra mim orientação sexual é quando a pessoa, ensina a usar camisinha, a se proteger, e também como posso falar, a ter suas próprias regras do teu corpo na verdade, a querer a não querer, ah e é isso (risos).

10. Na escola que você estuda ou estudou teve/tem orientação sobre sexualidade?

Teve sim duas vezes, algumas pessoas de fora, e outras que a gente mesmo fez no trabalho escolar.

11. Na sua família você recebe alguma orientação sobre sexualidade? Métodos preventivos por exemplo!

Eu tive orientação sim, quando eu era... quando eu completei meus...na verdade já tinha com 13 anos né, minha mãe, explicou pra mim tudo, então eu tive sim, minha mãe, meus pais explicaram então eu sabia já.

12. Antes da gravidez você já havia ido ao Ginecologista?

() sim (X) não

Não, eu fui no ginecologista por que meus pais pensavam que era infecção urinária, aí foi que descobriu minha gravidez, mas não. Minha mãe até queria me levar mais eu tinha um medo, uma vergonha grande então eu botava um pé pra trás.